

MARIA



VIA-SACRA



- Bíblia e teologia
- Os livros e o Livro
- O perdão faz brotar a cura
- Ética, o melhor investimento

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para formar na justiça (2Tm 3,16).

MÊS DA BÍBLIA. POR QUÊ?

Resgatar a dignidade da política

Principais trechos da declaração da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, sobre a crise política do Brasil.

Nós, bispos da Igreja Católica no Brasil, reunidos na 43ª Assembléia Geral da CNBB, de 9 a 17 de agosto de 2005, em Itaici, Indaiatuba, SP, preocupamo-nos com a situação do País. Diante das reiteradas denúncias de corrupção nas diferentes instâncias do Poder Público, em face da indignação que elas levantam, conclamamos o povo brasileiro a recuperar a esperança, concretizando-a em compromissos de participação política.

A atual crise está levando o povo ao descrédito da ação política em contraste com as expectativas de mudanças que haviam sido suscitadas nos últimos anos. É indispensável, por isto, renovar a convicção de que a política é uma forma sublime de praticar a caridade quando colocada ao serviço da justiça e do bem comum.

O uso de fontes escusas para o financiamento de campanhas eleitorais, o desvio de recursos públicos, a manipulação de empresas estatais em benefício de partidos e tantas outras denúncias de corrupção que vêm acontecendo de longa data e que, nos últimos dias, emergiram de forma escandalosa provocam em todos nós a indignação ética. (...)

Esta nasce da consciência da violação de valores fundamentais e resulta estéril caso não leve a um maior comprometimento pessoal com ações concretas em favor do aprimoramento da ordem política. É indispensável contribuir para uma maior participação popular nas decisões sobre os rumos do nosso país, fortalecendo a prática da democracia, sem omitir-nos ou desistir.

Para que esse compromisso ético com o Brasil seja efetivo, é preciso ter presente a corrupção pessoal e a estrutural.

A corrupção pessoal deve ser investigada, punida, inclusive, com devolução dos recursos desviados e também prevenida por meio de maior transparência na administração dos bens públicos (...).

A corrupção estrutural convive com o atual sistema político-eleitoral brasileiro e vem associada à estrutura econômica que acentua e legitima as desigualdades. É urgente uma radical reforma deste sistema.

Este é o clamor mais evidente que emerge em meio a esta crise. Não se pode desperdiçar este momento para rea-

lizar uma profunda reforma política, como oportunidade de assegurar a fidelidade partidária; aprimorar os institutos da democracia representativa e favorecer os institutos da democracia direta, participativa e deliberativa, por meio de referendos, plebiscitos e conselhos, em todos os níveis de decisão, conforme o Art.14 da Constituição Federal. Urge assegurar a lisura nas campanhas eleitorais pela aplicação mais rápida e severa da lei 9840 contra a corrupção eleitoral.

Apoiamos e incentivamos todo o trabalho de averiguação criteriosa dos fatos, quando fundamentado no direito e no respeito à dignidade da pessoa (...).

Reconhecemos a importância da imprensa para divulgar os fatos e colocá-los à disposição da cidadania para aprimoramento da consciência política dos cidadãos. É importante, no entanto, manter o discernimento, a busca incansável da verdade, sem hipocrisias e sem pré-julgamentos, para formarmos uma opinião pública esclarecida e operante. (...)

Os pobres são as maiores vítimas da crise. Ninguém pode roubar-lhes a esperança de justiça e de condições dignas de vida.

A experiência de participação popular na política – por meio de movimentos sociais, sindicatos, pastorais sociais, e partidos políticos – é uma conquista e um patrimônio histórico do povo brasileiro que não podem ser perdidos pela ação nefasta de políticos que buscam o poder e vantagens pessoais a qualquer custo. (...)

Reafirmamos nossa confiança no povo brasileiro cuja cultura, apesar de alguns aspectos ambíguos, guarda valores de grande significação ética, como a solidariedade, a cordialidade e o senso de justiça. O povo já deu, ao longo da história, muitas provas de energia e capacidade de superar crises. Alicerçados nos valores do Evangelho, proclamamos com todo o vigor: não vamos desistir do projeto de construir uma Nação justa, pacífica e democrática.

A Palavra de Deus nos conforta e sempre nos assegura que “a Verdade vos libertará” (Jo 8,32). Nos momentos difíceis, a graça de Deus se manifesta mais. Podemos contar com sua ajuda. Apostamos nas convicções éticas e cristãs do povo brasileiro, capazes de reanimar a todos na superação dos impasses que a crise atual nos apresenta. (...)

Que Deus nos ajude e proteja por intercessão de Nossa Senhora Aparecida.
Itaici, 12 de agosto de 2005.





Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543. 279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P.209/73 BL ISSN 0005 - 1934, pertencente a Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin.

Administração: Nestor A. Zatt.

Divulgação: Hely Vaz Diniz; Djailton Carvalho.

Redação: Adelino Dias Coelho; Avelino S. de Godoy.

Diagramação: Antônia Portero Simon; Avelino S. de Godoy. **Assinaturas:** Geraldo José Canesin.

Correspondência: Rua Martim Francisco, 636, 1º andar, CEP 01226-000. Tels: (11) 3666-2128 e 3823-1060 ou Caixa Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86, Bairro do Gramado, Embu, SP. CEP 06835-300. www.avemaria.com.br

O pagamento anual de R\$ 25,00, referente à assinatura ou renovação, pode ser feito, em qualquer época do ano, por **CHEQUE**, em nome da **CMF Revista Ave Maria** ou **DEPOSITO num dos Bancos: ITAU** — Ag. 0061 - C/C 51 519-3 ou **BANCO DO BRASIL** — Ag. 2445-7 C/C 8646-0.

A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio. As livrarias da Editora Ave-Maria estão autorizadas a receber os pagamentos correspondentes às assinaturas da revista *Ave Maria*.

Assinatura anual: R\$ 25,00
(12 exemplares)

Se tiver dúvidas sobre sua assinatura, ou se deseja fazer uma assinatura desta revista, ligue para nós:

Ligação grátis: 0800-555-021
ou pelo **Fax: 3663-3491** ou
revista@avemaria.com.br
redacao@avemariainternet.com.br
assinaturas@avemariainternet.com.br

Divulgação

Djailton Carvalho: (11) 3823-1060 Ramal 1045
divulgacao.revista@avemaria.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Ao serem visitados por cobradores de assinaturas da revista *Ave Maria*, peçam a credencial.

Lista dos colaboradores

São Paulo: Benedito Carlos Câmara; Fábio Eugênio Almeida Santos; Mauro Donizeti Câmara; Odacir Catto dos Santos; Palmira de Nadai Farias; Sérgio Pierozan; Josevane Victor. **Minas Gerais:** Vera Teresinha Nunes Sousa; Benedito Vaz Neto; Édson D. Nunes de Moraes. **Goias:** Sérgio Pierozan. **Paraná:** Sérgio Pierozan (Curitiba). **Ceará:** José Erivaldo Lima Miranda. **Merenda Repre-sentações:** Tel.: (16) 3203-3694: São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Triângulo Mineiro.

Serviço Bíblico na Internet

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

Revista Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

A verdade liberta

Religião e política não se discutem. Esse mote é antigo. Lamentavelmente serviu e serve para esconder desvios e mentiras tanto na vida da religião como da política. Discussão, aqui, é entendida como debate, diálogo, busca da verdade, conhecimento e ciência que elucidam. No caso da religião, a falta de esclarecimento pode tornar-se superstição ou magia, no da política, opressão e exploração.

Não discutir problemas e situações de crises e “deixar como está para ver como fica...”, conforme o dito popular, é uma maneira de fugir da responsabilidade. Palavras ditas e escritas não têm faltado na mídia para descrever a situação atual pela qual o Brasil está passando na esfera política. A cada dia, as Comissões Parlamentares de Inquérito, CPIs, estão descortinando na área de governo comportamentos administrativos com grandes sinais de corrupção, desde embolso indevido de dinheiro, até somas gigantescas, ditas sempre em dezenas de milhões de reais, depositadas em paraísos fiscais.

Ninguém pode dizer que isso é assunto só de políticos. Todos os brasileiros que votaram conscientemente devem se questionar: o sistema político-eleitoral brasileiro vigente está, ou não, atrelado à estrutura econômica? Se comprar voto é crime eleitoral, também o é comprar apoio no Congresso ou no Parlamento.

Neste número, na p.2, com o título: “Resgatar a dignidade da política”, lemos trechos da recente declaração da CNBB. Eles e todos os cristãos expressamos indignação diante de atos corruptos e buscamos força de recuperação da dignidade e conforto na Palavra de Deus, seguros de que “a verdade nos libertará” (Jo 8,32).

Bento XVI (p.6) lembra aos mandatários, encarregados de gerir os assuntos públicos, que os benefícios do desenvolvimento devem favorecer a todos e não somente à elite. E que todos devemos nos comprometer com a verdade, a justiça e a solidariedade.

Em “Mês da Bíblia. Por quê?” (p.7), Regina Maria de Almeida destaca a importância do livro sagrado para a vida pessoal e comunitária no processo de libertar-se da idolatria e, portanto, de tudo o que corrompe a humanidade.

João Batista Libânio também trata desse tema em “Bíblia e teologia”(p.8). Sem a Escritura, escreve o autor, a teologia é pura invenção humana. Sem teologia, a Escritura corre o risco de perder-se no desconhecido.

Em “Os livros e o Livro” (p.10), Maria Clara Lucchetti Bingemer incentiva-nos à leitura freqüente da Bíblia com irmãos em torno do Texto da Vida, sempre tão novo, que nos faz mais humanos e de acordo com o desejo do Criador.

“O perdão faz brotar a cura” (p.12), de Luís Erlin, descreve fatos exemplares que regeneram a alma com o perdão.

Frei Betto, em “Ética, o melhor investimento” (p.13), dá exemplos claros de empresas que, embora sendo exceções à regra, percorrem o caminho da justiça social, ampliando benefícios aos funcionários e repartindo lucros, investindo no melhor capital: o humano.

“As religiões, hoje: Islã” (p.14) de José Comblin é uma introdução ao conhecimento das virtudes das religiões, indispensável para a convivência pacífica.

Por maiores que sejam as catástrofes ou dilúvios que ameaçam nos afogar, a esperança cristã trará coragem para perseverarmos no bem e dissolverá o medo (cf. 1Pe 3,14-15). A Igreja tem consciência do mal da corrupção porque esta trai os princípios da moral e as normas da justiça social. “A corrupção política distorce na raiz a função das instituições representativas porque as usa como terreno de barganha política entre solicitações clientelares e favores dos governantes” (*Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, 411).

P.C.G



Foto: Expcatolica.com.br

Exposição mariana viajará pelo Brasil!

Na 3ª edição da Expcatólica, foi apresentada uma série de atividades. Dentre elas, uma mostra de 200 imagens de Nossa Senhora. A Editora e a Revista Ave-Maria marcaram presença naquele evento.

Nossa Senhora do Café, do Sorriso, Nossa Senhora Grávida... Nomes carinhosos dados à mesma pessoa, a mãe de Jesus e nossa mãe: Maria.

Essa foi uma das curiosidades da 3ª edição da Expcatólica — uma feira de livros e artigos religiosos realizada em São Paulo entre os dias 13 e 17 de julho de 2005 — que reuniu em torno de 35 mil pessoas, entre religiosos, padres, leigos engajados e comerciantes. Além de curiosidades e atividades culturais, podia-se encontrar uma grande variedade de produtos para abastecer as igrejas e comunidades como: livros, materiais para liturgia, paramentos, arte sacra, imagens, quadros, equipamentos para igrejas, vitrais, instrumentos musicais, CDs e DVDs e artigos religiosos em geral.

Na Exposição Mariana os visitantes aprenderam mais sobre as histórias e iconografias de Maria, conhecendo as invocações de Nossa Senhora por origem litúrgica, histórica e popular, desde as primeiras imagens da Virgem Orante das catacumbas, passando pelos tempos de sua vida, relatados pelos textos bíblicos e até mesmo pelos evangelhos apócrifos.



Fotos: Cleber Francisco

Muitas pessoas visitaram o estande da Editora Ave-Maria e puderam conferir grandes lançamentos além de aproveitarem a ocasião para conhecer as agendas e os calendários preparados para 2006.

Títulos populares recentes e mais conhecidos também foram apresentados, além da imagem peregrina de Nossa Senhora Aparecida. Segundo Kiara Castro, organizadora do evento, a exposição será levada para várias regiões do Brasil, passando, inclusive, por Florianópolis, SC, na ocasião do XV Congresso Eucarístico Nacional, em maio de 2006 e, em seguida, por Aparecida do Norte, SP.

No final de semana, além de visitar a feira e verificar as novidades do mercado católico, as pessoas puderam apreciar

vários shows realizados com a produção do CatólicaShow, que contou com diversas atrações como: pe. Jonas Habib, pe. Zezinho, Anjos de Resgate, encerrando-se com uma bela procissão da imagem de Nossa Senhora Aparecida durante a apresentação da Família Lima.

Informações sobre a Exposição Mariana com Kiara Castro: tel.: (11) 3115-4316/6083 ou e-mail: promocat@promocat.com.br



A Revista Ave-Maria teve uma importante participação na Expcatólica, divulgando seu conteúdo e sua tradição, por ser a primeira revista católica mariana do Brasil.

APAC, presos sem polícia

Uma parceria entre a arquidiocese de Belo Horizonte, MG, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG) e os Irmãos Maristas está viabilizando a construção de uma Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) em Santa Luzia, MG, a ser inaugurada em outubro deste ano. O investimento da ordem de R\$ 12.512.027,35 está sendo bancado pelos Governos Federal e do Estado.

A APAC é um projeto criado em 1974, que propõe um presídio sem policiais, onde os próprios presos são respon-

sáveis por seu comportamento e pelo cumprimento de suas penas, sob o acompanhamento da Justiça e da comunidade.

O Método APAC está centrado na valorização da pessoa humana. Um dos segredos do Método é o envolvimento da comunidade nesse processo de recuperação. Portanto, será fundamental estabelecer uma parceria com a comunidade de Santa Luzia.

Informações: Secretaria da APAC de Santa Luzia, MG - Rua Direita, 428 Tel.: (31) 3649-7144.

Ação de graças pelos 90 anos de vida



Foto: Avelino, aos 3/6/2005

dia 8 de dezembro de 1931 e foi ordenado sacerdote aos 23 de dezembro de 1939.

Como formador de jovens, coadjutor, ecônomo ou superior, desempenhou todas as funções pelas diversas casas claretianas pelas quais passou sempre com eficiência e profunda fé no Senhor e no Imaculado Coração de Maria.

No Colégio Claretiano de São Paulo, onde é Diretor Acadêmico desde 1992, foi celebrada uma Missa de Ação de Graças pelos dons recebidos neste 90 anos.

A revista *Ave Maria* se une às merecidas homenagens tributadas ao pe. Monteiro e deseja que Deus e o Coração de Maria continuem abençoando seu frutuoso ministério sacerdotal.

No dia 18 de junho, foram celebrados solenemente os 90 anos de existência do do **pe. João Batista Monteiro Leite**, cmf, na comunidade claretiana de São Paulo.

Pe. Monteiro nasceu no município de Leopoldina, MG. Fez sua profissão religiosa na Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria no

- **Compaixão com os que sofrem Respeito às diferentes religiões** 6
Bento XVI
- **Mês da Bíblia. Por quê?** 7
Regina Maria de Almeida
- **Bíblia e teologia** 8
J. B. Libânio
- **Os livros e o Livro** 10
Maria Clara L. Bingemer
- **O Deus que tudo vê** 11
Pe. Zezinho, scj
- **O perdão faz brotar a cura** 12
Luis Erlin
- **Ética, o melhor investimento** 13
Frei Betto
- **As religiões, hoje: Islã** 14
José Comblin
- **Armas? melhor não tê-las CF'2005** 16
- **Senhora da Feira** 17
Roque Vicente Beraldi
- **Perdoados... e a pena?** 18
Antônio Mesquita Galvão
- **Quem é Maria?...** 20
Etel Maria Pereira da Costa
- **A palavra é... Sacrário** 21
Luis Erlin
- **Viagem ao mundo da Terceira Idade!** 22
Cristiane Perri
- **Comunicação solidária** 24
Francisco Gomes de Matos
- **Liturgia da palavra De23 de outubro a6 de novembro** 25
Adelino Dias Coelho
- **A psicologia da traição** 30
Antonio José Eça
- **Vamos cozinhar?!** 32
Yvone Barros Oliveira
- **O Gumercindo** 33
Tina Glória

Compaixão com os que sofrem

Em 16 de junho, o papa Bento XVI recebeu em audiência, no Vaticano, sete novos embaixadores (representantes da Nova Zelândia, Azerbaijão, Guiné, Zimbábue, Suíça, Malta e Ruanda) para apresentação das credenciais e proferiu-lhes um discurso, do qual extraímos alguns trechos:

“... Convido-os (vossos países) a se comprometerem a fim de edificar uma humanidade cada vez mais fraterna, numa renovada atenção a todos, sobretudo às pessoas mais pobres e às que são excluídas pela sociedade.

Neste sentido, o nosso mundo confronta-se com numerosos desafios que deve vencer para que o homem seja mais importante que a técnica, e que o justo porvir dos povos constitua a principal preocupação de quantos aceitaram gerir os assuntos públicos, não para si próprios, mas em vista do bem comum. O nosso coração não pode sentir-se em paz enquanto continuarmos vendo irmãos que sofrem por falta de alimentação, de trabalho, de abrigo ou de outros bens fundamentais.

Para dar uma resposta concreta ao apelo que lançamos aos nossos irmãos em humanidade, devemos enfrentar o primeiro desafio: a solidariedade entre

os países e continentes, para uma partilha cada vez mais equitativa das riquezas do Planeta entre todos os homens. Trata-se de um dos serviços fundamentais que os homens de boa vontade devem prestar à humanidade. De fato, a terra tem a capacidade de alimentar todos os seus habitantes, sob a condição de que os países ricos não conservem só para si o que pertence a todos.

A Igreja não deixará de recordar que todos os homens devem estar atentos a uma fraternidade humana, feita de gestos concretos, tanto em nível individual como dos governos e das instituições internacionais ...”

Respeito às diferentes religiões

Em seguida, o Papa dirigiu-se a cada um dos novos embaixadores. Extraímos alguns trechos do discurso proferido a *El Hadj Aboubacar Dione*, da República da Guiné:

“...Vossa Excelência, Senhor Embaixador, comunicou-me a afeição do seu país aos ideais de paz e de fraternidade, particularmente entre os povos da sua região, que sofrem tantas provas ao longo dos últimos anos. De fato, só através de um diálogo confiante é que as tensões e os conflitos podem ser eliminados, em benefício do bem-estar de todos. Para responder definitivamente às aspirações dos povos pela paz verdadeira, dom que nos vem de Deus, temos também o dever de nos comprometer na sua construção sobre fundamentos sólidos, como a verdade, a justiça e a solidariedade.

Entre as conseqüências da violência que sua região conhece, assistimos infe-

Foto: B. Cervellera. Mesquita do XI, Teerã, Irã



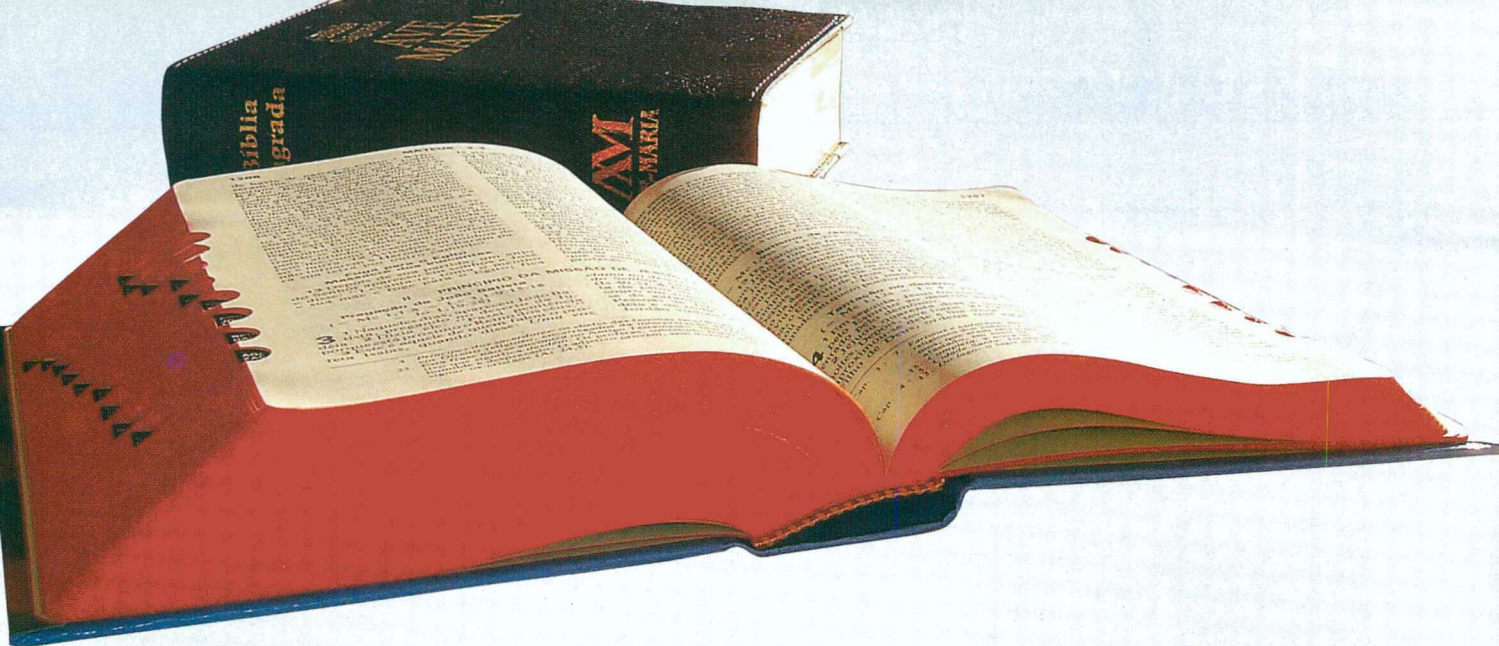
lizmente ao aumento do drama das populações deslocadas, que causam situações de urgência humanitária. O seu país respondeu generosamente à situação, oferecendo, sobretudo, hospitalidade a grande número de refugiados, muitas vezes com grandes sacrifícios. É, antes de tudo, o drama de homens e mulheres cujos sofrimentos é necessário aliviar e aos quais é necessário dar esperança. Mas são as causas destes dramas que é preciso erradicar, pois é a dignidade humana de seres que Deus criou que está gravemente ameaçada...”

“...O restabelecimento da paz começa

no interior de cada país, mediante a busca de relacionamentos de amizade e de colaboração entre as diferentes comunidades étnicas, culturais e religiosas. A fé autêntica não pode gerar a violência, mas, ao contrário, deve favorecer a paz e o amor. Apesar das dificuldades, a Igreja Católica comprometeu-se a prosseguir os seus esforços para encorajar a compreensão e o respeito entre os crentes das diferentes tradições religiosas.

Por conseguinte, alegro-me por saber que na Guiné cristãos e muçulmanos trabalham juntos para o bem comum da sociedade. Desenvolvendo relacionamentos de confiança, no respeito dos direitos legítimos de cada comunidade, os crentes, juntamente com todos os homens de boa vontade, contribuem para edificar uma sociedade livre de qualquer forma de degradação moral e social, a fim de que todos possam viver na dignidade e na solidariedade ...”

Bento XVI



MÊS DA BÍBLIA. POR QUÊ?

Regina Maria de Almeida

A instituição do Mês da Bíblia tem suas raízes em 1947, quando a Liga de Estudos Bíblicos, LEB, organizou a Primeira Semana Bíblica Nacional.

Participaram da Semana Bíblica, professores de Sagrada Escritura de diversos lugares do país. Estes apresentaram muitas propostas, entre elas, a de se criar o Dia da Bíblia. A data escolhida foi o último domingo do mês de setembro, por ser a mais próxima da comemoração de São Jerônimo, que dedicou sua vida ao estudo da *Bíblia*.

São Jerônimo (340-420 d.C.), considerado um dos doutores da Igreja, era possuidor de uma grande cultura literária e bíblica. Amante da *Bíblia*, afirmou que “quem ignora as Escrituras ignora o poder e a sabedoria de Deus”. Foi responsável pela tradução da *Bíblia* para o Latim, conhecida pelo nome de “Vulgata”, que significa “comum”, “usual”.

O Dia da Bíblia foi crescendo em importância na vida da Igreja, primeiro em algumas dioceses, depois em todo o Brasil ao ser incluído no Diretório Litúrgico. Com o correr dos anos, passou-se para Semana da Bíblia e, a partir de 1971, para Mês da Bíblia.

Misturar Bíblia e vida

O grande objetivo do Mês da Bíblia é aumentar a consciência de que a *Bíblia*, Palavra de Deus, é um livro que deve estar inserido na caminhada do povo, acompanhando tanto a vida pessoal como também a da comunidade. É um tempo oportuno para a criação de grupos de reflexão bíblica e para nos ajudar a perceber que a palavra de Deus é eficaz

e gera comunidade (Isaías 55,10-11).

Já são 35 anos de experiência fecunda com o Mês da Bíblia. Esse processo tem início com o levantamento de sugestões para a escolha do tema, que pode referir-se a um livro ou a um personagem bíblico do Primeiro ou do Segundo Testamento. Assim, quem reflete nos temas propostos a cada ano tem a possibilidade de percorrer pouco a pouco a *Bíblia* toda.

Nessa escolha, tenta-se dar uma certa

continuidade à Campanha da Fraternidade ou a outro tema forte vivido pela Igreja, mas não se depende diretamente desses fatores, pois o Mês da Bíblia tem uma finalidade em si mesmo. O passo seguinte é convidar pessoas para preparar os subsídios. Depois, esse material se torna propriedade do povo, para ser alimento na caminhada e ferramenta para se entender melhor a vida e a *Bíblia*.

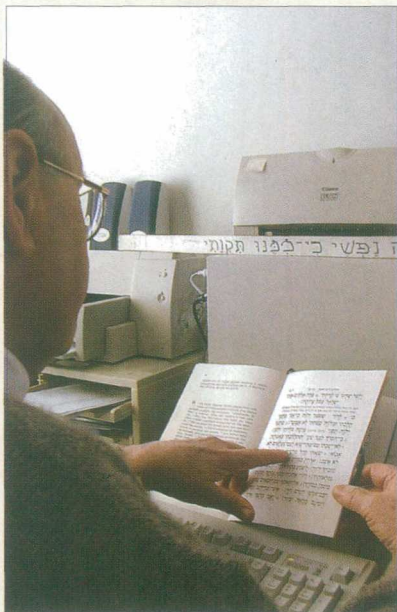
Oséias e Gomer: um casal profético

Este ano as comunidades são convidadas a refletir sobre o livro do profeta Oséias. Ele denuncia todo tipo de idolatria (“prostituição e adultério”), comparando o povo à esposa infiel, Deus ao marido fiel, e a Aliança a um casamento.

O culto a Baal era muito difundido, pois ele já era o deus das cidades-estado cananéias antes do *Êxodo*, coexistindo com a fé em Javé depois que os hebreus ocuparam Canaã. Ele era considerado o deus da chuva, da vegetação, da fertilidade – tanto do solo quanto das pessoas.

Esse ato de fecundar a terra era simbolizado pelos ritos de prostituição nos santuários de Baal. Isso afetava as famílias, como a de Oséias e Gomer (capítulos 1-3), interferindo também no ritmo de reprodução das mulheres. Elas engravidavam praticamente a cada ano.

Aos estimular os ritos de prostituição sagrada, os reis queriam aumentar >>>>



Fotos: Avelino S. de Godoy

Bíblia e teologia

J. B. Libânio

Como se faz para encontrar razões para a fé?

Fé é o ato, o movimento pelo qual aceitamos, como fundamento último de toda a realidade e de nossa existência, o próprio Deus. Crer é dar o coração a Deus, sabendo que dele viemos, nele vivemos e para ele caminhamos. Mas, como conhecer a Deus? Que sabemos de Deus?

Arriscamos muitas vezes inventar um Deus que corresponda aos nossos desejos e sonhos de grandeza, de poder, de ações mágicas sobre o mundo e a história das pessoas. Se o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26), o ser humano corre o risco de criar um deus a sua imagem e semelhança. Este não é Deus, mas um ídolo.

Quem vai precaver-nos do perigo e da tentação de quereremos ser deuses, de moldar deuses como nós (Gn 3,5)? A fé, é refletida pela teologia, mas fundada na Revelação. Revelação é a Palavra de Deus que nos veio ao encontro na experiência do Povo de Israel e, de modo sublime e perfeito, em Jesus Cristo. E

como ter acesso a essa Palavra? Aí estão as Escrituras Sagradas, o que chamamos "o Livro", traduzido em grego, "a Bíblia". Sabemos que *Biblia* significa exatamente livro. Porque ela se tornou para nós o verdadeiro livro de salvação.

A teologia escuta a Palavra da Escritura. O primeiro momento é de audição, de humildade, de aprendizado. Aprende e ouve a revelação para depois de refletir sobre ela ensinar às pessoas o que a Escritura diz.

Por que precisamos dessa reflexão ulterior da teologia?

A Palavra é de Deus. Portanto eterna, infinita, imutável. Bastaria por si mesma. Não precisaríamos de nenhuma outra. Então, a teologia seria uma pretensão exagerada, até mesmo uma ousadia blasfema. Teriam razão muitos irmãos evangélicos que simplesmente repetem a *Bíblia* na sua literalidade. Mas, o quê? Deus não pode falar outra palavra divina que não a Palavra divina. Esta Palavra, como diz São João, *estava em Deus, era Deus* (Jo 1,1). E ficaríamos nós

O estudo da Sagrada Escritura deve ser como que a alma da teologia, ensina o Concílio Vaticano II. É uma ilusão construir uma teologia sem os alicerces da Escritura.

A teologia é um caminhar da inteligência pelos meandros da fé. O ser humano, à medida que avança em cultura e em exigências de racionalidade, pede à sua fé que ela lhe dê razões de si mesma (1Pe 3,15).

E a teologia responde à tal pergunta.

>>>> (Continuação da página 7) a mão de obra na corvéia (serviço gratuito que se prestava ao soberano) e para o exército. Por isso, Oséias critica a monarquia e suas instituições: o rei e sua corte (1,4; 8,3; 9,15), o sacerdócio (4,4-6; 5,1; 6,9-10; 10,5),

o exército (1,5; 8,14; 10,13-14), o comércio (12,8-9) e principalmente a religião (6,1-6). Ele exorta o povo a refazer a Aliança, a acreditar que o nosso Deus é o Deus verdadeiro porque ama seu povo e lhe dá a vida (2,16-25).

Regina Maria de Almeida, teóloga leiga, com pós-graduação em Sócio-Psicologia, é assessora bíblica popular do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) em São Paulo. Autora do curso: Encontros de Iniciação Bíblica por Correspondência e co-autora da obra Crescimento do Jovem na Comunidade Cristã, Ed. Salesiana. www.partilhando.com.br - reginama6@uol.com.br

aqui na história humana em jejum perpétuo. No entanto, João continuou: *E a Palavra se fez carne* (1,14), se fez humanidade, se fez história, se fez palavras humanas. Nesse momento, entram as escrituras dos homens, a necessidade de traduzirmos essas palavras em todos os tempos e para todas as pessoas. Nasce a teologia.




A teologia escuta a Palavra da Escritura. O primeiro momento é de audição, de humildade, de aprendizado. Aprende e ouve a revelação para depois de refletir sobre ela ensinar às pessoas o que a Escritura diz.

Enquanto a Palavra de Deus era o Verbo eterno, reinava para nós o silêncio insuperável. No momento em que este Verbo quis sair do seio da Trindade e fazer-se humano, começou a falar palavras nossas. Foi a plenitude da revelação.

Era uma Palavra sublime demais. Precisava de uma preparação. Antes do Filho (Jesus) falar, Deus Pai falou pelos profetas. Humanos, pessoas situadas numa época, numa cultura. Eles pregaram, escreveram, deixaram após si os livros. Uma vez que existe escritura, há inteligência que busca entendê-la, interpretá-la para as diversas culturas. De novo, faz-se necessária a teologia.

Ela é a grande ponte que liga a Escritura à nossa cultura, a Palavra de Deus falada e escrita na *Bíblia* ao nosso cotidiano tão diferente do tempo da *Bíblia*. Sem esse trabalho da teologia, corremos o risco de inventar deuses, de escolher da Escritura frases que nos interessam, de entendê-las segundo nossos caprichos sem respeitar o sentido que ela foi adquirindo ao longo da Tradição da Igreja.

A teologia é o olhar da tradição eclesial lendo a Escritura. Nisso diferimos de muitos de nossos irmãos evangélicos, que saltam do texto da Escritura para o dia de hoje sem nenhuma ponte. Facilmente se cai no rio do literalismo, do fanatismo, do interesse arbitrário, da polêmica.

Sem Escritura, a teologia é pura invenção humana. Sem teologia, a Escritura corre o risco de perder-se no desconhecido e cair na mão de aventureiros que a manipulem a seu gosto. Escritura e teologia: matrimônio que gera vida. 

J. B. Libânio é professor e diretor da Fac. de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos Jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

“Meu espírito é para todo o mundo”

Santo Antonio Maria Claret



Missionários Claretianos
A serviço da Palavra

Venha nos conhecer

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Av. Francisco José C. de Andrade, 535
Jd. Chapadão - CEP 13070-860 - Campinas - SP
Tel.: (19) 3242-2258 - (19) 9604-2745 (Pe. Maurício)
email: pemaucio@mpc.com.br
Procuradoria Missionária - (19) 9601-8046 (Pe. Irineu)
SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Rua Buenos Brandão, 496 - Caixa Postal: 115
CEP 37580-000 - Pouso Alegre - MG
Tel.: (35) 3421-1108
email: curiabc@uai.com.br

CENTRO "PE. JAIME CLOTET"
Rua Pinheiro Machado, 245
La Salle - Caixa Postal: 412
CEP 85501-870 - Pato Branco - PR
Tel.: (46) 224-4129
email: luizfavoretto@bol.com.br
COMUNIDADE MISSIONÁRIA
Rua Manoel Moura, 46 - Trapiche da Barra
CEP 87011-100 - Maracá - AL
email: berinhoemf@gmail.com.br

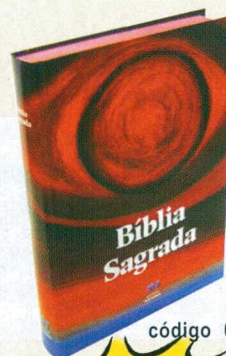
COMUNIDADE MISSIONÁRIA
Rua Bahia, 984 - Centro
Caixa Postal: 41 - CEP 78630-000
Campinápolis - MT
Tel.: (66) 437-1106

PARÓQUIA N. SRA. DE ABADIA
Pça. Laurentino M. Rodrigues, 576
Caixa Postal: 23 - CEP 76380-000
Goiânia - GO - Tel.: (62) 383-1402

www.claretianos.com.br/pjv

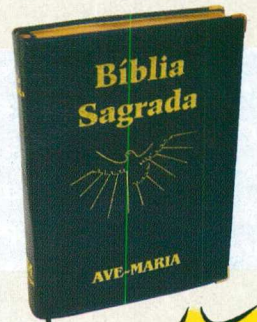
Adquira sua Bíblia 
EDITORA
AVE-MARIA

Tamanhos 21x28 cm



código 0440

R\$ 66,00



código 0990

R\$ 79,00

Televendas:
0800 7730 456

vendas@avemaria.com.br www.avemaria.com.br

Os livros e o Livro

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Certamente muitos de nós ainda se recordam do belo filme de Denys Arcand, "Invasões bárbaras". Nele, o personagem principal, um intelectual de esquerda prostrado por um câncer terminal, discute com a esposa, referindo-se ao filho, bem-sucedido executivo do mercado financeiro, com as seguintes palavras: "Eu gostaria que ele tivesse lido um livro, um só livro, em toda a sua vida."

O afastamento da leitura por parte da humanidade dita (ou mal dita?) letrada e um certo obscurecimento da palavra escrita devido à emergência da civilização da imagem, selvagemmente impulsionada pela mídia são, sem dúvida, uma das características de nossa época. Lê-se pouco, lê-se menos, ou não se lê diretamente.

A imagem, introduzida pela sétima arte, porém hoje liderada poderosamente pela televisão, absorve o cotidiano tempo livre das pessoas quase integralmente. Estas —incluídas crianças e jovens— passam em frente à telinha, horas e horas, engolindo sem metabolizar um pouco de tudo, a maioria não muito construtiva, nem edificante.

O advento da internet deu mais um golpe certo na crise da leitura. Pesquisas são feitas diretamente pela rede, que entra nas bibliotecas do mundo inteiro e dali extrai dados, textos inteiros e material abundante. Da atrofia da leitura, decorre uma semelhante atrofia da

escrita: lê-se pouco ou nada, escreve-se cada vez menos e pior. O *e-mail* —grande recurso posto à disposição da humanidade para comunicar-se— vicia o escrever, fazendo-o sintético em demasia, parco e pobre. A consequência é uma disposição cada vez menor para produzir ou escrever textos mais longos, profundos, científicos. E igualmente para lê-los.

Os textos são menores, mais curtos.

A Igreja neste mês de setembro celebra o Livro maior, o Livro dos livros, que é a Bíblia. Comunidades cristãs se reúnem com mais atenção em torno das páginas deste Livro, que é o Texto da Vida, onde cremos que o próprio Deus nos fala através dos diferentes gêneros literários, da inspiração dada pelo Espírito Santo aos escritores sacros, do movimento da revelação do divino que perpassa páginas, linhas, letras e caracteres.

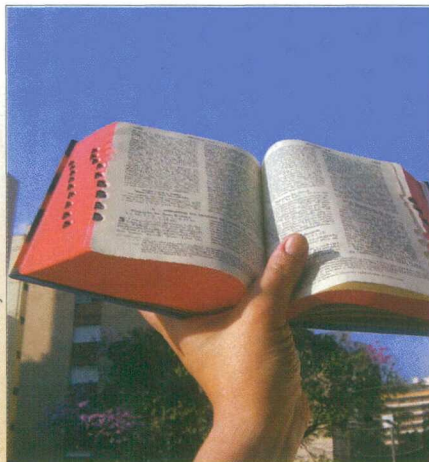


Foto: Avelino S. de Godoy

Senão, não serão lidos ou não poderão passar a mensagem que pretendem. O ser humano moderno tem cada vez menos tempo, menos paciência, menos disponibilidade para abrir um livro, um poema, um belo texto e saboreá-lo longamente, gratuitamente, sem esperar nenhum outro efeito senão ser tocado e afetado pela beleza, pela profundidade da mensagem, ou ser estimulado à reflexão pela seriedade do conteúdo.

E, no entanto, estamos assistindo, junto com a chegada da Primavera e sua clara e fresca renovação de todas as coisas, a vários eventos sobre livros bem perto de nós. Ao lado da tradicional *Feira do Livro*, vai haver a *Primavera do Livro*, onde as editoras de pequeno porte poderão mostrar suas criações. Isso nos leva a suspeitar que as profecias que anunciavam a morte do livro e da palavra escrita não são tão certas como pareciam. Há um ressurgir da fome de ler, do prazer de ler, da busca pela experiência "indizível" de tomar nas mãos um livro, abri-lo e decifrar seus mistérios e segredos.

Também na Igreja é neste mês de setembro que se celebra o Livro maior, o Livro dos livros, que é a *Bíblia*. As comunidades cristãs se reúnem com mais atenção em torno das páginas deste Livro, que é o Texto da Vida, onde cremos que o próprio Deus nos fala através dos diferentes gêneros literários, da inspiração dada pelo Espírito Santo aos escritores sacros, do movimento da revelação do divino que perpassa páginas, linhas, letras e caracteres.

O Cristianismo é, juntamente com o Judaísmo e o Islamismo, conhecido co-

mo Religião do livro. É neste Livro inspirado que encontrará o rosto de seu Deus, que aprenderá a pronunciar seu nome querido, que poderá nomear aquele que dá sentido à sua vida.

Um dos sinais da maturidade da caminhada do povo de Israel com seu Deus foi justamente a necessidade sentida de registrar por escrito suas experiências, sua leitura dos fatos da vida e da história à luz da revelação desse que os libertou do cativeiro e os conduziu para a terra da liberdade, propondo-lhes uma aliança de amor jamais revogada.

Pôr por escrito a palavra ouvida, escutada na oração e obedecida na prática da justiça e do direito foi o caminho do povo eleito para construir uma referência forte e duradoura para sua identidade enquanto povo. Identidade essa que se manteve através dos tempos, intocada apesar de tantas perseguições, sofrimentos, diásporas que sobre ele se abateram.

Assim também os primeiros cristãos, que conviveram com Jesus de Nazaré, sentiram que era necessário deixar registrado para as gerações futuras os ditos e atos do Mestre, para que pudessem ser lidos, ruminados, aprendidos e apropriados amorosamente por todos aqueles que nele cressem e resolvessem segui-lo.

A *Bíblia* é esse Livro, esse texto aberto como a vida, sempre *re-lido* e sempre *re-escrito* por cada novo leitor que dele se aproxima. E o que acontece com ela é paradigmático para o que é e deve ser nossa relação com os livros em geral. Sendo leitores, somos escritores também, adentrando-nos no universo literário com amor e abertura. Que a Primavera e o Mês da *Bíblia* nos possam ajudar a *re-descobrir* a novidade tão antiga, mas sempre tão nova, que a leitura nos pode trazer. Isso certamente nos fará mais humanos e, portanto, mais de acordo ao desejo do Criador sobre nossa vida e nosso mundo.



Maria Clara Lucchetti Bingemer, teóloga, é professora e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. www.users.rdc.puc-rio.br/agape

o Deus que tudo vê

Pe. Zezinho, scj



Foto: Eduardo Russo

“Deus está vendo” é uma expressão que muitos usamos sem, às vezes, pararmos para pensar. “Deus viu, Deus quer, Deus está vendo”. Claro que Deus está vendo, claro que Deus vê tudo, mas acontece que, às vezes, nós usamos esta expressão com o intuito de assustar os outros e exercer domínio sobre eles. Ai, não! O Deus que vê o lado ruim, também vê o lado bom. É uma expressão bonita que devemos usar mais conosco do que com os outros.

Deus está vendo a atenção que um pai tem pelo filho, o ódio que alguém tem no coração, a malícia, o carinho, a pureza que alguém tem. Deus está vendo a inocência, a ira e tudo o que se passa neste mundo. Mais do que isto: O Deus que vê sabe o que fazer com o que vê... Mas daí a dizer que Deus está vendo e vai castigar, já é pretensão nossa. Como sabemos que atitude ele vai tomar? Os designios de Deus são insondáveis diz a *Bíblia* (Romanos 11,33, Jó 5,9). E diz que ele também

é pronto para a misericórdia (Efésios 2,4, Tiago 5,11). Se ficarmos apenas com a idéia da justiça que pune, perderemos as outras noções de Deus. O Deus que vê, toma as decisões por ele mesmo, porque ele faz como o vento que sopra onde quer, como quer e em quem quer (João 3,8).

O Deus que tudo vê sabe qual é a dimensão da raiva, a origem daquela raiva, daquele ódio, daquele desequilíbrio. Deus sabe qual é a dimensão daquele amor, a sua origem. Deus conhece a ternura do casal. Sabe quem está precisando de atenção e quem não está, quem deu ou não deu. Não faz sentido o pregador garantir, no púlpito, que Deus vai punir porque está escrito na *Bíblia*. Lá também está escrito que ele perdoou gente que jamais seria perdoada pelo mundo. Devemos concluir, sim, que ele está vendo, mas o que ele vai fazer só a ele compete decidir. Muita gente faz o diagnóstico e conclui errado. É certo dizer que Deus vê, mas o que ele vai fazer é assunto só dele. Como é que eu posso concluir o que Deus vai fazer, se eu não sei coisas que Deus sabe?

O Deus que tudo vê e tudo sabe julga os corações que conhece. Deus é quem sabe qual é o sentimento que está naquela alma, na horado ódio, da raiva e de vingança, do crime, do pecado, do castigo, ou naquela hora de pureza, de carinho, de ternura. Só ele é que pode julgar o que está vendo e que conclusão vai tirar. Eu não posso.

Deus toma as suas decisões, independente de nossas sentenças, ou de nosso julgamentos. O juiz é ele e não nós. Cuidemos com as nossas expressões e oremos para entender o Deus que tudo vê.



Pe. Zezinho é escritor, compositor e conferencista.

O perdão faz brotar a cura

Luís Erlin

É dia de visita na penitenciária, uma longa fila se forma na porta da cadeia, são pessoas que vieram ver seus entes queridos ali presos pelos mais diversos motivos.

Uma senhora já idosa enfrentava a fila, visita após visita, durante anos ela religiosamente levava um bolo de fubá com uma garrafa de chá para um dos presos. Em uma das revistas, o guarda já bem conhecido dela, perguntou: — Seu neto sai quando, dona? Ela olhou pensativa e disse: — Ele não é meu neto, depois de um silêncio continuou, ele é o assassino do meu filho. O guarda estarecido questionou: — Então, por que a senhora vem visitá-lo? Serenamente respondeu: — Estou tentando perdoar!

Essa mulher simples sabia que por mais dolorosa que fosse a chaga deixada pelo assassino de seu filho, outra chaga ainda mais difícil de se curar é a falta de perdão.

“Quantas vezes devo perdoar, até sete...?” Jesus ensina, “não digo sete, mas setenta vezes sete!” Ou seja: *sempre, sempre, sempre.*

Quando Jesus pede que perdoemos aqueles que nos ofenderam ou que amemos nossos inimigos, o Senhor não está exigindo que façamos caridade para com o outro, perdoar é devolver a si mesmo o direito de ser feliz.

Como padre, já pude verificar nos confessoriais o quanto a falta de

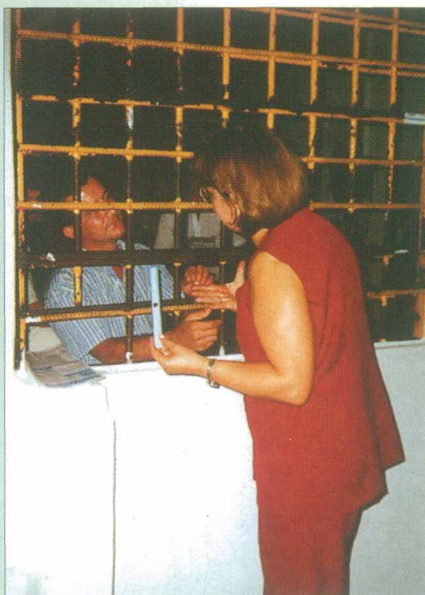


Foto: Arquivo

perdão nos impede de viver livremente.

Quando eu não consigo perdoar, eu estou amarrado, preso a um fato que já passou... E por mais que eu guarde mágoa, esse rancor não mudará o passado, não fará justiça, não atingirá aquele que me fez sofrer. O ódio provocado pela falta de perdão afeta negativamente a mim, somente a mim.

Os médicos não se cansam de afirmar, que a maioria das nossas doenças são originadas por fatores psíquicos. O pior de todos eles é a mágoa guardada, ruminada, o desejo de vingança.

Conheci uma mulher que rezava a Deus toda noite, pedindo com muita devoção que o assassino de seu pai, recebesse o castigo merecido, que também fosse morto, que padecesse


antes de morrer. Durante treze anos, ela alimentou um azedume insuportável em sua alma. Frases como, “eu não sou boba em perdoar”, escapavam de sua boca várias vezes ao dia.

Pobre mulher, que sepultou a vida num cárcere de podridão espiritual... Apesar de estar viva, ela já tinha deixado de viver há muito tempo.

Perdoar não é ser bobo, é desejar recomeçar por mais penoso que seja.

Perdoar também não é esquecer simplesmente o que nos fizeram (em alguns casos isso é impossível). É, mesmo em meio às lembranças negativas, não desejar o mal ao outro. Pois o mal desejado se voltará contra nós, não por castigo divino, mas porque o ódio criará raízes em nosso ser, o ódio em si já é um mal.

A velhinha que visitava o assassino de seu filho buscava compreendê-lo. Entender o porquê. O moço, abandonado pelo pai e pela mãe, criado nas ruas, sofrendo o golpe da vida desde muito cedo, pela primeira vez soube o que era amor. Ele a chamava de mãe...

O perdão foi a cura para ela!
E sentir-se amado foi a cura para ele!
Ambos foram regenerados. 

Carta ao pe. Luís Erlin

23.6.2005

Caríssimo pe. Luís, há poucos dias li na revista Ave Maria um artigo seu (*Sou Testemunha do Beijo de Deus*, revista de abril) e fiquei admirada quando você relata que sentiu o amor de Deus ao dar a unção a um enfermo. Deus de fato surpreende a cada um de nós quando menos esperamos. O artigo me fez pensar. Obrigada por suas sábias palavras.

Ir. Antonia Pizarro, mc — Pinhais, PR

Luís Erlin é sacerdote missionário claretiano.
Correspondência: luiserlin@bol.com.br

Ética, o melhor investimento

Frei Betto

Muitas empresas brasileiras devem o êxito de seus negócios ao fato de terem sido apadrinhadas pelo governo. O tráfico de drogas parece irrisório diante do tráfico de influências. Enquanto na Suíça basta um dia para abrir uma nova empresa, e sem sair de casa, desde que se tenha acesso à Internet, no Brasil são precisos meses, muita paciência com a burocracia e, por vezes, algum dinheiro para as propinas... Fechar a empresa é, então, muito mais difícil do que abri-la.

O sistema funciona como a história do pai que bateu no filho, que se vingou no cachorro, que correu atrás do gato... Como a carga tributária é altíssima, a sonegação se equipara, e essa prática de lesar o contribuinte aquece o caldo de cultura, do lucro rápido e exorbitante. Leia-se: baixos salários, fraude ao INSS, direitos trabalhistas desrespeitados, etc. Diz a lei que toda empresa com mais de 50 funcionários é obrigada a ter creche. Quem cumpre?

A mentalidade arrivista de muitos empresários brasileiros facilita o sucateamento de nossa mão-de-obra, o que é uma forma indireta de favorecer a concorrência estrangeira e, a médio prazo, corroer a iniciativa nacional. Quando os únicos valores para o empresário resumem-se em inflar a Bolsa e o bolso, às custas de sonegações e baixos salários, a estabilidade e a credibilidade do negócio ficam permanentemente ameaçadas.

Há, felizmente, exceções à regra. E uma delas é a CBMM – Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, com

sede em Araxá, MG, e líder mundial na exploração de nióbio, mineral utilizado para dar resistência ao aço. Fundada em 1955 e sem jamais depender de favores ou empréstimos governamentais, a empresa, que exporta 92% de sua produção, faturou, em 2004, 908 milhões de reais.



Foto: Arquivo

Responsabilidade social apenas da porta para fora é falso marketing. Deve começar dentro da empresa, oferecendo excelência nas condições de trabalho, para favorecer a auto-estima dos funcionários.

Tal êxito se deve à auto-estima de seus funcionários, que ganham 13 salários e participação nos resultados anuais. O piso atual é de R\$ 1.450 e 80% das famílias vinculadas à CBMM já têm casa própria quitada. Entre os recursos de aprimoramento cultural dos trabalhadores, incluem-se palestras sobre temas diversificados e um programa de planejamento familiar que engloba médicos, religiosos, o sindicato e o Ministério Público.

Para agilizar suas ações de responsabilidade social, a empresa mantém, há 30 anos, a Fundação Djalma Guimarães (homenagem a um dos maiores geólogos brasileiros), com recursos anuais de cerca de R\$ 4,5 milhões, investi-

dos em programas sociais, combate à fome, tratamento de saúde de comunidades de baixa renda, construção de creches e escolas, além de patrocinar estudos e projetos de políticas públicas, como o Fome Zero, voltados ao aprimoramento da cidadania e da democracia.

Entre os projetos financiados pela CBMM destacam-se a Casa do Caminho, centro geriátrico e psiquiátrico que atende gratuitamente, em Araxá, 200 pacientes pobres; as “fazendinhas”, unidades rurais de tratamento terapêutico para dependentes químicos; a construção de casas populares; hortas comunitárias, etc.

Enquanto muitas empresas vendem ou leiloam a sucata e seus equipamentos obsoletos, a CBMM doa a obras sociais. Nos últimos oito anos, foram doados cerca de 230 veículos, entre carros, caminhões e tratores, e 200 microcomputadores. Ao Fundo da Criança e do Adolescente ela destina, anualmente, R\$ 750 mil.

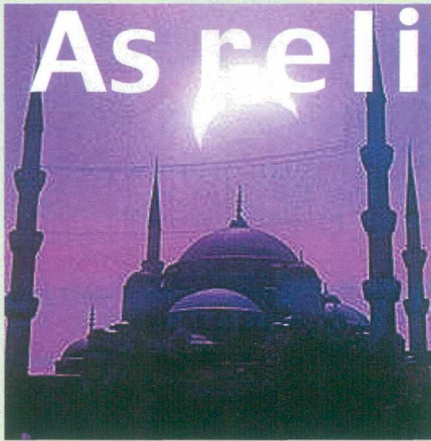
Na bolsa dos valores, a ética é, sem dúvida, o melhor investimento. A começar pela valorização dos recursos humanos. Responsabilidade social apenas da porta para fora é falso marketing. Deve começar dentro da empresa, oferecendo excelência nas condições de trabalho, de modo a favorecer a auto-estima dos funcionários. Qualidade de vida, mais que um conceito, é uma atitude que se traduz em acesso a direitos básicos, como alimentação, saúde, educação, lazer e casa própria, e na possibilidade de se cultivar os valores subjetivos, éticos, estéticos, afetivos e espirituais.

A CBMM tornou-se uma empresa brasileira líder mundial em sua área de negócio graças à sua filosofia de investir no melhor capital: o humano.

Frei Betto é escritor, autor do romance “Hotel Brasil” (Ática), entre outros livros.

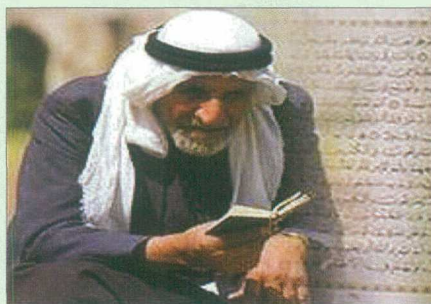
As religiões, hoje: Islã

José Comblin



As religiões são diferentes, mas não necessariamente conflitantes, podem-se compenetrar, influir umas nas outras e praticar um diálogo fecundo, no plano da ação e convivência, provavelmente mais que no nível de doutrinas.

Em 1996, um escritor norte-americano de prestígio, Samuel Huntington publicou um livro: *The clash of civilizations and the remaking of world order* (*O choque das civilizações e a reconfiguração da ordem mundial*, New York, Simon and Schuster). O autor queria se opor radicalmente à tese emitida, há alguns anos, pouco depois da queda da União Soviética, por Francis Fukuyama, num livro no qual protagonizava "o fim da história". Huntington defendia que longe de terminar, a história entrava numa nova fase. Sem dúvida, terminara a do conflito secular entre capitalismo e socialismo, mais adiante, os conflitos mundiais, que originariam uma nova fase histórica, seriam conflitos entre culturas e não entre modelos econômicos.



Huntington enunciava oito culturas, e, para ele, o conflito maior da nova época histórica seria um conflito entre o Ocidente com sua cultura e o mundo islâmico com a sua. Estas seriam incompatíveis e ambas quereriam conquistar o mundo e, portanto, o conflito seria inevitável, resultando em inúmeras guerras durante séculos. E quem diz cultura, diz religião. Por isso, a nova época histórica seria de guerras de religião.

É notório que Huntington sempre esteve muito próximo dos grupos que orientam a política exterior dos Estados Unidos, EUA. Em todo caso, seu livro alcançou fama imprevista depois do 11 de setembro de 2001. Os fatos pareciam confirmar sua previsão. De fato, muitos, nos EUA, inclusive políticos, assimilaram a doutrina de Huntington, que entrou no subconsciente das massas e das elites políticas.

Depois da queda das torres, o imperialismo norte-americano se mostrou cada vez mais arrogante. Tirou as suas máscaras. Nasceu uma nova doutrina militar, uma nova geopolítica: além disto, os EUA podem prescindir do resto do mundo e organizar o Planeta como quiserem. Praticam abertamente o protecionismo e impõem o livre comércio aos outros países.

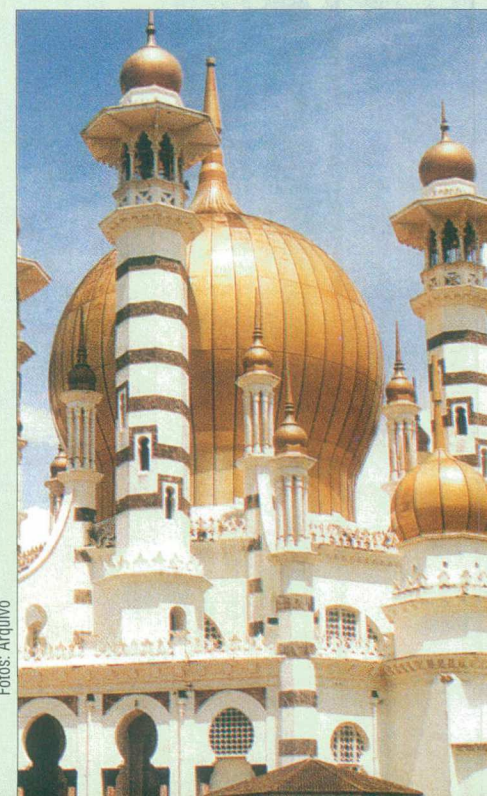
Durante todo o ano de 2002, os EUA

prepararam a guerra para derrubar o regime de Sadam Hussein no Iraque, querendo estender seu império na Ásia Central, grande reserva de petróleo.

Querendo ou não, os EUA representam a face do cristianismo no mundo, e as Igrejas não manifestam com muita evidência que rejeitam a política mundial dos EUA, não se opõem reais argumentos à convicção generalizada dos povos de que cristianismo é igual aos EUA.

Uma vez introduzida a idéia da incompatibilidade entre culturas, aparece uma atitude de desconfiança instintiva para com as outras culturas, e, por conseguinte, para com suas religiões. Na visão de Huntington, a única saída para a humanidade é a cultura ocidental, científica e racional. Esta é a continuação da concepção da modernidade.

Sem dúvida, os fatos não justificam necessariamente essa visão conflitiva de Huntington e da política dos EUA.



Fotos: Arquivo

Quais são as relações entre as grandes religiões na atualidade?

As religiões são diferentes, mas não necessariamente conflitantes, podem-se compenetrar, influir umas nas outras e praticar um diálogo fecundo, no plano da ação e convivência, provavelmente mais que no nível de doutrinas.

• **O Islã** atualmente é a religião que mais chama a atenção. Há mais de um século, os que lêem jornais sabem que o Oriente Médio é o lugar de uma guerra quase sem interrupção entre cristãos e muçulmanos.

Primeiro, é indispensável que fique claro que o movimento Al Qaeda e Bin Laden não são representativos do Islã. São pequenos grupos radicais fundamentalistas. Não são mais representantes do Islã do que o movimento de Lefrère foi para o catolicismo. Os dois são extremistas atípicos.

Maomé criou uma religião muito simples ao alcance das massas. Não há teologia, não há sacramentos, não há organização, não há clero. O Islã é uma religião popular, é uma imensa comunidade de povos que aceitam a mesma religião e a vivem. Apesar da ausência do clero, há uma grande homogeneidade e solidariedade que faz com que todos os muçulmanos no mundo inteiro sintam-se solidários e unidos.

Desde o início, Maomé compreendeu que o Islã estava destinado a ser a religião de toda a humanidade: toda a humanidade devia abandonar o culto aos ídolos e reconhecer o Deus verdadeiro. Aqui surge a famosa questão da “guerra santa” (al-jihad). Em vários lugares do Alcorão, Maomé se refere à guerra santa e proclama sua necessidade.

No século XX, veio a desintegração dos impérios europeus e a independência formal de um grande número de Estados que distribuíram a população mu-

Maomé criou uma religião muito simples ao alcance das massas. Não há teologia, não há sacramentos, não há organização, não há clero. O Islã é uma religião popular, é uma imensa comunidade de povos que aceitam a mesma religião e a vivem. Apesar da ausência do clero, há uma grande homogeneidade e solidariedade que faz com que todos os muçulmanos no mundo inteiro sintam-se solidários e unidos.



çulmana segundo critérios tipicamente ocidentais. O Islã ficou dividido em dezenas de Estados e nunca em nenhum momento foi possível reconstituir uma unidade muçulmana. Daí, uma imensa frustração dos povos, que se sentem traídos por suas elites.

Nasceram Estados segundo o modelo ocidental, que trataram de ocidentalizar a sociedade muçulmana. Trouxeram os princípios ocidentais: a laicização do Estado que é um horror para o Islã, o capitalismo (de que dizia um sábio: “o Ocidente é a organização planetária da usura”), as instituições políticas, o modelo de empresa, o direito...

Os Estados e as empresas do Ocidente fizeram alianças, como sempre num

regime colonial, com os elementos mais corruptos da sociedade, com as oligarquias mais escandalosas. O melhor exemplo da tal política é o atual governo da Arábia Saudita, onde uma insignificante minoria de oligarcas corruptos, imensamente ricos, graças ao petróleo, tratam o país e seus habitantes como se fossem sua propriedade. Este governo é sustentado pelos EUA que desta forma acumula sobre si um imenso ódio não só dos cidadãos sauditas, mas de todo o Oriente Médio. Outro exemplo foi o Xá da Pérsia (o último foi Mohammed Reza Pahlevi, deposto por golpe de estado, 1979) instalado e mantido pelos EUA, exemplo vivo do escândalo por sua imensa exploração das riquezas do país.

Para os ocidentais, só importa o petróleo, e os povos são entregues a bandidos convertidos em reis e presidentes de pseudo-repúblicas.

Contra toda essa corrupção, em virtude de um imenso sentimento de frustração, movidos por uma ira implacável, nasceram os movimentos que constituem o que se chama hoje “Islamismo” (e não confundir com “Islã”). O islamismo nasceu no Egito, em 1928, com os chamados “Irmãos Muçulmanos”.

Os movimentos islamitas querem a independência real em relação ao Ocidente, a união entre religião e política porque a política deve implantar e manter a lei do Alcorão, a “sharia”, ainda que existam diferentes interpretações dela; a luta contra a corrupção introduzida pelo sistema capitalista e o retorno à tradição da solidariedade muçulmana. Condenam rigorosamente uma organização da sociedade sem religião como a dos estados laicizados do Ocidente. Com os judeus e os cristãos, os islamitas são muito mais rigorosos que os muçulmanos tradicionais.

As Igrejas cristãs são vistas como poderes religiosos que legitimam o sistema ocidental, cúmplices dos horrores praticados pelos ocidentais. Para poder dialogar com os muçulmanos há que >>>>

Armas: melhor não tê-las!

Pessoas se armam com medo e acabam matando gente em discussões de trânsito, em brigas de bar, em momentos de descontrole, por causa de drogas... As situações são variadas e as tragédias são irreversíveis.

Não é por acaso que tanto as vítimas como os agressores são, em sua maioria, jovens e homens. O machismo da nossa cultura, ao mesmo tempo que nega certos direitos às mulheres, joga uma carga muito pesada sobre os homens.

Há sempre no ar um receio de humilhação, de parecer fraco. Os meninos ouvem desde cedo que homem “não leva desaforo para casa”. Masculinidade e poder são facilmente associados. Muitos se sentem obrigados a “provar” que não são fracos. Isso gera valorização de atitudes violentas e também produz um alto nível de estresse que dificulta soluções mais serenas.

Os jovens precisam ter direito a uma dose alentadora de esperança, para empregar bem suas energias. Mas o futuro está sombrio. Possibilidades de sucesso



pela via do trabalho e do estudo não são animadoras. Será que podemos esperar que tantos jovens, com uma vida toda pela frente, conformem-se com um subemprego que a própria sociedade olha com desdém? Eles são vítimas preferenciais porque têm menos maturidade mas principalmente porque precisam marcar presença, descobrir quem são, ser apreciados. É fácil dizer que eles cedem ao desejo de “ter” em vez de “ser”.

Uma olhada no nosso modo de viver, de anunciar produtos, de classificar pessoas, mostraria que nós misturamos valores. Eles de fato querem “ser” (importantes, valorizados, atraentes...) e a sociedade lhes diz o tempo todo que cada um vale por aquilo que tem, veste, exhibe. Des-

valoriza-se o trabalho e exacerba-se o consumismo. As conseqüências são logicamente previsíveis.

Exemplo do que se comunica como valor:

Um anúncio de carro mostrava a foto do veículo com a legenda: “Você trabalhou duro para chegar até aqui. Se não trabalhou, melhor ainda.”

Já que a enorme maioria nem trabalhando muito vai conseguir chegar a tanto, o que será que aparece como saída para quem se revolta com a falta de perspectivas?

Segurança pessoal

A preocupação dos brasileiros com a segurança levantou o debate sobre as vantagens e desvantagens das armas de fogo. Brasileiros correm 4 vezes mais risco de morrer por arma de fogo do que a média dos demais países (ONU, 1999). A taxa de morte por arma de fogo de jovens do sexo masculino entre 15 e 29 anos no Estado do Rio é de 239 por 100 mil (ISER, Instituto de Estudos da Religião, 2002). O Brasil não está em guerra, mas é o país que mais mata com arma de fogo (ONU, 1999). Em 2002, cerca de 40 mil pessoas foram mortas com essas armas no país. Em 6 anos de guerra do Vietnã, morreram cerca de 56 mil soldados norte-americanos. Temos quase um Vietnã por ano no Brasil!

>>>> (Continuação da página 15) se distanciar do sistema cultural e político do Ocidente. Haveria de se mostrar que os cristãos todavia possuem algo do Evangelho e não estão totalmente integrados no sistema capitalista, como sugerem as aparências.

Entre o Islã e o cristianismo há uma tradição de guerras que já tem 14 sécu-

los. Houve períodos de convivência pacífica e colaboração, por exemplo na Espanha ou na Síria, Líbano, Egito... Sem dúvida, a guerra é a nota predominante. Atualmente há guerras entre cristãos e muçulmanos em vários países, e perseguição violenta aos cristãos em outros. O diálogo não é fácil.

Pe. José Comblin, teólogo belga, residente no Brasil há muitos anos é um dos maiores conhecedores dos problemas teológicos e eclesiais da América Latina. Para Comblin, é preciso resgatar a noção de Teologia como reflexão crítica sobre os discursos religiosos. Será que os teólogos não estão sucumbindo ao capitalismo norte-americano, típico em seu individualismo e ausente na construção de projetos de sociedade?



A violência urbana é causada por uma combinação de fatores. Não sendo a causa da violência, as armas de fogo são o seu principal instrumento, tornando-a letal. Em nosso país, 68% dos homicídios são cometidos com essas armas. Elas causam mais danos do que benefícios à sociedade. Pesquisa da SSP/RJ (Secretaria de Segurança Pública/RJ) e ISER (Instituto de Estudos da Religião), após analisar dados sobre 77.527 pistolas e revólveres apreendidos no Estado do Rio entre 1951 e 2003, demonstrou que 25.648 dessas armas, isto é, 33,1% delas, foram legalmente registradas antes de caírem nas mãos de criminosos ou ficarem em situação ilegal. Isso significa que, compradas de forma lícita, mergulharam no tráfico clandestino de variadas formas: roubo, furto, perda, revenda, uso indevido, etc. São diferentes formas, através das quais “cidadãos de bem”, involuntariamente muitos deles, estão abastecendo o crime organizado.

As campanhas pelo desarmamento visam convencer “homens de bem” que sua arma é mais um risco que uma proteção para si e sua família. Coloca em perigo seu bem mais valioso: suas vidas. Quanto a desarmar os bandidos, essa é uma tarefa da polícia. Esta, porém, precisa ser reformada para ser mais eficiente. Fazer isso é tão necessário quanto o desarmamento.

Texto-Base da CF'2005).

**Em 23 de outubro,
haverá um referendo
eleitoral:**

**“O comércio de
armas de fogo e
munição deve ser
proibido no Brasil?”**

Vote!Vote!Vote!

Senhora da Feira - Felicidades - Férias

Roque Vicente Beraldi

A piedade popular deposita sua confiança na proteção divina. Ela se torna mais fortalecida e eficiente se apresentada pela benquista por Deus: Maria, a mãe de Jesus.

Podemos, então, compreender que nas diferentes regiões do mundo, apareçam inúmeros títulos, que manifestam essa confiança. Ela que apenas apresentou a Jesus a dificuldade no casamento, em Cana da Galiléia, dizendo: *eles não têm vinho (João 2,3)*.

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* já traz e o pe. Jacinto dos Reis relata que há o título de Nossa Senhora da Feira. Essa devoção demonstra que os trabalhadores, ao apresentarem seus produtos, têm a certeza de que não ficarão sem a recompensa de servirem a população. A cidade de Benfica, Arganil, na diocese de Coimbra, descreve festas em honra de Nossa Senhora das Necessidades e da Feira.

O entusiasmo chega a tal ponto que os feirantes, agradecidos, cantam louvores a ela, pois ouviu suas preces e as apresentou a Cristo, o Senhor seu Filho e o trabalho obteve êxito.

A Biblioteca Nacional de Lisboa, no álbum 5, dos *Registros dos Santos*, conserva uma nota que diz: “Milagrosa Imagem de N. S. das Felicidades”. A iconografia apresenta a imagem coroada, sobre nuvens. Leva um ramo de flores na mão.

A revista católica chamada *Magnificat* da cidade de Braga, em Portugal, fala sobre Nossa Senhora das Férias. Nela, indica, também Nossa Senhora de: Agosto, dos Caminhos, das Encruzilha-

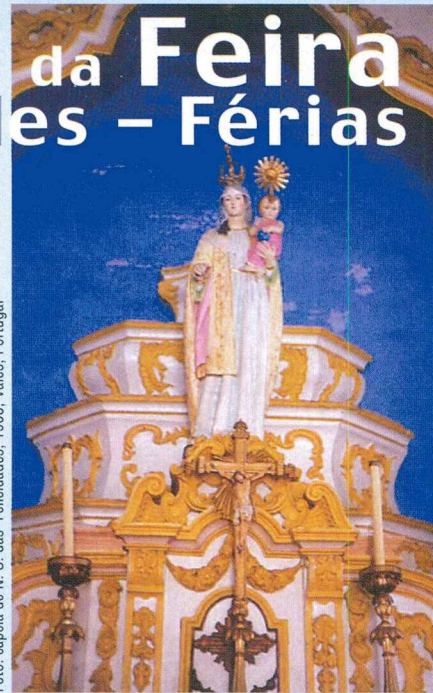


Foto: capela de N. S. das Felicidades, 1905, Vales, Portugal

das, dos Encontros. Adverte que a publicação tem a aprovação eclesiástica. Conclui-se, pois, que a invocação de Nossa Senhora das Férias, deve ser recomendada à população. Pergunta monsenhor Moreira das Neves que lembra ainda outros epítetos, como Nossa Senhora da Tarde, Nossa Senhora das Nuvens, Nossa Senhora do Linho: Tais títulos constituem apenas arroubos poéticos?

Mesmo que o sejam, eles confirmam a ingênua e pura devoção popular que não enquadra em limites o elogiar e elevar a Mãe de Deus por todos os meios.

ORAÇÃO

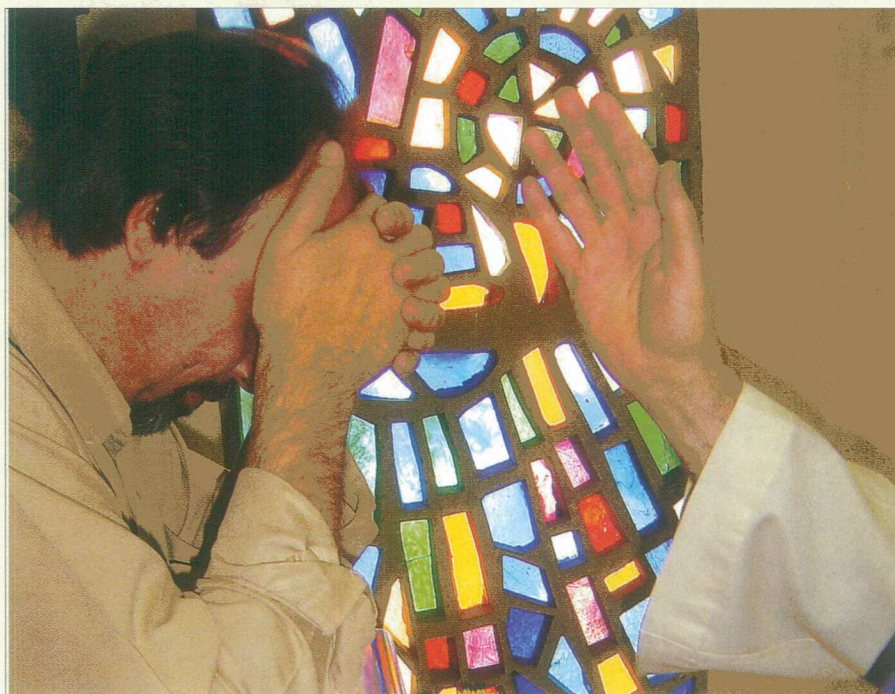
**Valha-nos, ó Deus a intercessão
da sempre Virgem Maria,
para que livres de todos os
perigos, possamos ver nossos
trabalhos coroados de êxito e
vivamos em vossa paz. Por
nosso Senhor Jesus Cristo,
vosso Filho, na unidade do
Espírito Santo. Amém.**

Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.

Perdoados... e a

A punibilidade de um pecado extingue-se com a absolvição

Antônio Mesquita Galvão



A consciência é lugar privilegiado de nosso foro moral. Ela é, no dizer do cardeal J. H. Newman († 1890) o primeiro de todos os vigários de Cristo.¹

A consciência moral é uma instância de julgamento pelo qual a pessoa reconhece a qualidade moral de um ato concreto que vai planejar, que está pronto a executar ou que já praticou.²

É bem diferente, como querem alguns, dos que imaginam que o julgamento ocorra pelos critérios da consciência de cada um.

Assim, por causa desse enfoque, um, cuja consciência o acusa por algum pecado, roubo ou fornicação, por exemplo, seria condenado, enquanto um outro, seria absolvido, porque sua consciência o eximiu de culpa. Ficaria complicado, não parece? Somos julgados pela consciência reta e não por aquela instância fragmentada por distorções ou acomodamentos. Será que num tribunal (desses em que pessoas julgam pessoas) alguém pode requerer um julgamento pela “própria consciência” ao invés de pela lei positiva?

Ato e consequência

Além disto, a lei moral não se pren-

de somente ao ato praticado, mas às conseqüências desse ato. Dou um exemplo prático: um homem separou-se de sua mulher, com quem era casado no civil e no religioso, para viver com outra. Esteve com a segunda cerca de dez anos, de cuja união nasceu uma criança. Posteriormente, por causa da rotina, da perda do senso de novidade e outros motivos, ele largou a segunda e voltou para a esposa. Católico, como era, durante o tempo de exílio (a segunda união) ele se excluiu da freqüência à Eucaristia, por julgar-se indigno. A questão é, depois de retornar aos braços da devotada esposa, ele estaria justificado para voltar à recepção dos sacramentos?

Delito continuado

O assunto é polêmico e não se presta a julgamentos *a priori*, mas dá algumas pistas. O perdão do adultério (a comissão) pode ser dado, pelo cônjuge ofendido (social) e pela Igreja (sacramental). E o uso e posterior abandono da outra e do filho (a omissão) foram quitados? Assim como os filhos da primeira se criaram sem pai, agora esta sina cabe ao filho da segunda união? Nada há aí de pecado continuado? O fato configura-se como uma situação incontornável, para o qual há que se ter muito discernimento pastoral, para que no afã de acolher um pecador que quer voltar, não ocorra uma injustiça e uma omissão com quem ficou no prejuízo. A isso, há que somar o fato de que, quem abandona o cônjuge por outra pessoa, além de

pena?

SACRAMENTAL?

A pena tem como primeiro objetivo reparar a desordem introduzida pela culpa. Quando a pena é voluntariamente aceita pelo culpado, tem valor de expiação. Assim, a pena, além de defender a ordem pública e de tutelar a segurança das pessoas, tem um objetivo medicinal: na medida do possível, deve contribuir à correção do culpado (Catecismo da Igreja Católica, nº 2266).

cometer adultério, torna-se responsável pelo adultério que a pessoa abandonada cometer. O ato moralmente condenável, historicamente deixa conseqüências de difícil solução.

Ressarcir objetivamente o mal cometido

Assim como o pecado de furto/roubo, para ser quitado precisa haver o ressarcimento, será que uma simples (que nem é tão simples assim) “confissão do pecado” torna o faltoso reconciliado integralmente com Deus e com a sociedade? E as conseqüências de seu ato? E quem ficou sem o objeto (ou dinheiro) subtraído? Não parece lógico que, para haver o perdão seja necessária uma reparação do mal praticado? É pru-

dente ver no pecado, não só seu efeito imediato, mas as conseqüências que dele advêm, e que nem sempre são de fácil solução. Resta sempre verificar se o pecado fica adstrito à pessoa de quem o cometeu ou transcende a terceiros.

CrITÉRIOS OBJETIVOS

Em função disso, vemos que certos desvios de moral criam regras elásticas para as consciências que, ao invés de atuar naquela reciprocidade com as outras, aludida pelo teólogo alemão Bernhard Haering, assume foros egoístas, personalistas (1912-1998), capazes de validar injustiças, sob a alegação de normas íntimas, ao afirmar que “cada um responde por sua cabeça”. Os artifícios intelectuais, muitas vezes, deturpam as consciências. É como aquele homem que declarou que estava abandonando a esposa e os filhos, pois tinha o direito de ser feliz junto a outra mulher. O prazer em viver ao lado de uma mulher nova pode ser algo extrinsecamente bom, mas pelo fato de encobrir o abandono irresponsável de um compromisso, é visto como um ato intrinsecamente mau.

Chamando-o sempre a amar o bem e a evitar o mal, a voz da consciência pode, quando necessário, falar-lhe especificamente ao coração: fazê-lo, evita aquilo! Isto porque o homem tem em seu coração uma lei escrita por Deus. Obedecer a ela constitui a verdadeira dignidade da pessoa, que será julgada de acordo com tal lei (cf. Romanos 2, 15s). Quanto mais prevalecer uma consciência reta, tanto mais as pessoas e os

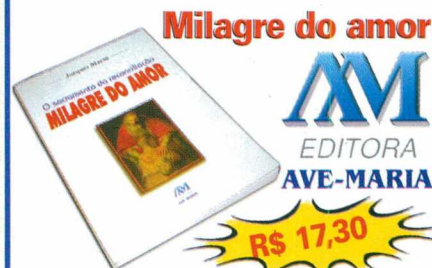
grupos se afastarão de uma escolha cega se esforçarão para serem guiados pelas normas objetivas da verdade³.

O lado contrário da consciência elástica ou manipulável é a consciência demasiadamente escrupulosa. Há que se invocar o discernimento para estabelecer uma medida de equilíbrio⁴. O indivíduo escrupuloso em excesso lida com Deus como se este fosse um tirano, um ser irado e vingativo⁵. Bernhard Haering chega a recomendar, em casos dessa ordem, o acompanhamento de um profissional do comportamento (psicólogo ou psiquiatra)⁶.

- 1 In: *Carta ao Duque de Norfolk*, 1888.
- 2 Catecismo da Igreja Católica, CIC, 1778
- 3 *Gaudium et Spes*, GS 16
- 4 *In médio virtus* (a virtude está no meio termo); antigo provérbio latino
- 5 Cf. SANTO AFONSO DE LIGÓRIO, *The Way of Salvation and Perfection*, Brooklyn, 1962.
- 6 In: *Livres e fiéis em Cristo, Teologia moral para sacerdotes e leigos*, Vol. 1, Ed. Paulinas, 1984.

Antônio Mesquita Galvão, teólogo leigo, doutorando em Teologia Moral. kerygma.ag@terra.com.br

Por que e como viver a reconciliação? Para uma resposta clara e convincente, adquira o livro:



**Televendas:
0800 7730 456**

Pintura: O filho pródigo, Rembrandt.

Quem é Maria? ...

Etel Maria Pereira da Costa

Esta seção trata, de maneira clara, simples e didática, de inúmeros itens da doutrina católica sobre a mãe de Jesus. Nesta edição, serão apresentadas mais três perguntas sobre Maria.

Maria é “modelo”? Modelo de quê? Para quem?

Maria é modelo para todo ser humano e, de modo particular, para todo cristão. Ela é modelo, sobretudo, na dimensão da fé, esperança e caridade. Aqui vou acentuar Maria como modelo de fé.

Os elementos específicos que caracterizam Maria no Novo Testamento, sobretudo em Lucas e Mateus, nos ajudam a identificá-la como Modelo de Fé:

• Maria é mulher e pobre.

É a Virgem histórica, (Lucas 1,34), é a Mãe (Lc 2,5-7), fiel às normas religiosas. É uma simples mulher de Nazaré que segue a religiosidade popular de seu tempo (Lc 2,22). Nela Deus dignifica toda a humanidade e de modo particular a mulher...

• **Ela é pobre:** como condição, entre os humildes do Senhor. Mulher simples mas não passiva. Ela é a nossa companheira de caminhada, nas tristezas e alegrias. Ela, é ainda mais nossa irmã porque é redimida, salva pelo amor de seu Filho.

• Especialmente vocacionada para a missão de discípula e Mãe, Maria se destaca por quatro atitudes principais: 1. Fé; 2. Obediência; 3. Esperança; 4. Amor (cf. Lumen Gentium, capítulo VIII).

• Em um continente como o da

América Latina, onde a vida é ameaçada, sufocada, pisoteada de tantas maneiras, a fé popular lembra Maria como Rainha Materna (*Documento de Puebla*, México, 1979, nº 289). Sua figura se converte em fonte de esperança, sinal de libertação a que o *Magnificat* se refere (Lucas 1,46-55).

• **Maria é a Mulher que acreditou, a “Cheia de Graça”.** Maria é a crente por excelência. Sua grandeza está em sua fecunda fé (Lucas 11, 27-28). A sua condição é de fiel e discípula (Atos dos Apóstolos 1,14).

O que significa Maria Virgem, Maria Imaculada?



A virgem com o menino: Giorgione (1478-1510), Museu do Prado, Madrid.

A Virgindade de Maria e a sua Imaculada Conceição, estão intimamente ligadas à sua maternidade divina. Os evangelhos, ao dizerem que Maria é virgem, tiveram a intenção de declarar que o filho que dela nasceria era de origem divina. Assim, aquela que deveria conceber o Filho de Deus, precisaria ser livre de toda culpa ligada ao conceito de pecado original, por isso ela é concebida sem pecado. É com base nesta crença que a Igreja Católica a declara Imaculada.

Os dogmas da Maternidade e da Virgindade, colocam Maria ao lado de Cristo na obra da Salvação.

Os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção, colocam os efeitos da obra de Cristo em Maria.

Como se pode entender que Maria tenha subido ao céu (Assunção)?

Para os que têm fé, não é concebível que Maria, tendo sido preservada do pecado, passe pela morte, pois esta é consequência do pecado. Se Maria não tem pecado, então não precisa passar pela morte. Entende-se que ela tenha feito uma passagem para a vida em Deus, precedendo todo ser humano, desejoso de livrar-se de todo e qualquer sofrimento, limites, fim, aspirando por eternidade e beleza.



Etel Maria Pereira da Costa, NSM, é da Congregação Nossa Senhora Menina, Mestra em Teologia Dogmática, particularmente em Mariologia, Introdução à Teologia e Eclesiologia. ethelm@ensm.com.br

A palavra é...

Elaborado por **Luís Erlin**

Nesta seção, o leitor encontrará a explicação de palavras empregadas nas celebrações litúrgicas. Se desejar, escreva-nos, solicitando o significado de algum outro termo.

Carta ao pe. Luís Erlin

Há tempos sou assinante da Revista Ave Maria. Gosto muito de todos os artigos dessa revista. Mas, ultimamente tenho seguido com interesse a página "A Palavra é..." que vem desvendar dúvidas.

Tenho uma filha que está fazendo mestrado sobre a história dos sacrários desde o século XVII, gostaria de saber mais sobre o termo "sacrário".

Antecipadamente, agradeço-lhe a atenção.

Marina Mendes F. Bahia — Divinópolis, MG.

SACRÁRIO

mas também um armário pequeno entalhado na parede ao lado do evangelho. No período gótico, deram-se a esse armário belíssimas formas arquitetônicas, a figura mesmo de torre ou templo. Somente desde o século XVI tornou-se, pouco a pouco, vigente o uso de se conservar o Santíssimo no próprio altar em tabernáculo fixo..." (Fr. Basílio Röwer, *Dicionário Litúrgico*, 1947).

O *Código de Direito Canônico*, acerca do sacrário, afirma: "Seja único, fixo, sólido, colocado em lugar digno (*Cânone 938*) e próximo à lâmpada do Santíssimo (*Cânone 940*)".

Algumas igrejas, sobretudo após o Concílio Vaticano II, optaram por tirar o sacrário do presbitério e construir ao lado do altar uma capela especial destinada exclusivamente para o culto eucarístico. Construções arquitetônicas recentes contemplam essa capela, porém, a maioria das igrejas antigas ainda conserva o sacrário atrás da mesa do sacrifício, fazendo referência ao Cristo, centro de nossa fé.

"Ó Deus escondido na prisão do tabernáculo! É feliz que volto para

perto de Vós todas as noites, para conceder as graças que me concedestes e implorar o perdão das faltas que cometi durante o dia que acaba de passar como um sonho... Ó Jesus! Como eu ficaria feliz se tivesse sido bem fiel, mas pobre de mim! Muitas vezes fico triste, à noite, pois sinto que poderia ter correspondido melhor às vossas graças... No entanto, ó meu Deus! bem longe de desanimar vendo minhas misérias, venho a vós, confiante, lembrando-me de que: Não são os que tem saúde que precisam de médico, mas sim os doentes, Mateus 9,12 (...)" (*St. Teresinha do Menino Jesus*).



Luís Erlin é sacerdote missionário claretiano. luiserlin@bol.com.br

Essa palavra vem do latim — **sacrarium** — lugar onde se guardam coisas sagradas destinadas à veneração. É mais conhecido por nós como o lugar em que são guardadas as partículas (hóstias) consagradas na missa que serão distribuídas na comunhão.

Também se usa o termo tabernáculo (tenda) que tem origem na vida nômade do povo de Israel. Lugar onde se guardava o Santo dos Santos — Arca da Aliança (cf. Êxodo 40). No início do cristianismo as partículas consagradas não eram guardadas, mas consumidas dentro do rito da celebração. Alguns fiéis escolhidos pela comunidade levavam-nas aos enfermos (seriam os que hoje nós conhecemos como ministros da comunhão).

As hóstias consagradas começaram a ser guardadas somente depois do século VI, quando Constantino decretou o fim da perseguição aos cristãos. A estabilidade religiosa favoreceu os lugares fixos de culto, e assim os sacrários.

O sacrário ganhou lugar no presbitério de forma sistemática após o ano 1000. "Era uma pomba de metal dourada (pomba eucarística) pendente sobre o altar,



Foto: Sacrário da igreja Coração de Maria, São Paulo, capital



Viagem ao m

Não importa a idade, sonhos são para serem realizados.

Regina Drummond está lançando, pela Editora Ave-Maria, o livro: "Chá das cinco". É a história de cinco senhoras que se reúnem para tomar chá e relembram os tempos de antigamente. Confira a entrevista à Ave Maria:

AM: Conte-nos um pouco sobre sua inspiração para escrever o livro "Chá das cinco".

REGINA: Sempre gostei de conversar com as pessoas mais velhas, porque acho que elas têm muito o que dizer. Adoro os casos antigos, a descrição da vida de antigamente, as fotografias e as histórias. Antes, o mundo mudava devagar, dava tempo de apreciar as novidades. Hoje é tudo muito rápido, mas eu acho que temos de arrumar um tempinho para fazer esses resgates.

Tenho paixão pela figura da avó, talvez porque eu tenha tido o privilégio de tê-las curtido muito... às dúzias!

Explico: meu pai é o décimo-primeiro filho e, depois dele, vieram duas gêmeas, num total de 13 filhos, sendo 10 mulheres. Isso quer dizer que as irmãs mais velhas tinham cerca de vinte anos mais do que ele, o que caracteriza uma geração. Eu as sentia um pouco como minhas avós — elas tinham mesmo todo aquele jeito de avó, no trato com os sobrinhos e sobrinhas. Até hoje tenho a maior paixão por elas.

Do lado da minha mãe, não posso deixar de falar na minha maravilhosa avó, que viveu muitos anos mais do que a outra, e com quem sempre tive uma

relação profunda. E ainda havia as vizinhas, as avós das minhas primas e todas as velhas da família que eu chamava de vó. Era vó para tudo quanto é lado!

Esta história foi um jeito que eu encontrei de homenagear todos eles (os tios também, é claro, embora a paixão tenha sido sempre por "elas"), embora só tenha podido colocar o nome de alguns nos meus personagens.

Depois, tem a minha opinião: pessoalmente, acho que, enquanto estivermos vivos, poderemos mudar o que nos incomoda, realizar nossos sonhos, fazer coisas novas. As crianças vêm a velhice como algo tão distante... E os jovens têm a mais absoluta certeza de que ficar velho é uma coisa que só acontece com os outros...

Misturei tudo isso e saiu o "Chá das Cinco"!

AM: Qual o público você acredita atingir com este livro?



REGINA: Pensei na turminha de 10 a 13 anos, mas acho que as avós vão adorar... E o meu sonho é que todo mundo goste!

AM: Como surgiu a idéia de fazer um livro com ilustrações feitas em folhas ressecadas? Como você as selecionou?

REGINA: Em primeiro lugar, preciso contar que tenho paixão por folhas e costumo ressecá-las e guardá-las dentro dos livros. Certo dia, estava eu na Mesquita Azul, em Istambul, um lugar fantástico, que dizem que tem em seus vitrais todos os tons de azul que existem no mundo, quando um homem começou a tocar e a cantar. A música, monótona, associada ao cheiro do incenso, me deixaram tonta. Fiquei olhando as folhas de outono que tinha catado do chão e levava para ressecar e guardar, quando me veio à idéia de pintá-las como se fosse uma tela e usá-las para ilustrar um livro. Achei que combinavam com uma história de pessoas vivendo seu outono e associei-as ao "Chá das cinco", cujo texto estava pronto. Pedi para minha amiga Maria da Glória Gosciola Vizeu fazer um teste e gostamos do resultado. Quando mostrei para a Silvia Villalta (Gerente

Mundo da Terceira Idade!

Editorial da Ave-Maria), ela adorou. O resultado pode ser apreciado agora.

Eu viajo muito e trouxe folhas de todos os lugares por onde andei. Apenas catava-as do chão, tendo a beleza e a delicadeza como critério. Era preciso também que estivessem perfeitas. Entreguei-as para a Glória, que foi quem fez a seleção final, escolhendo quais pintaria.

AM: O seu livro fala muito sobre a vida. Na sua opinião, qual a maior riqueza que podemos ter na vida?

REGINA: O amor do parceiro, dos nossos filhos e de todas as pessoas de que gostamos. A amizade, a alegria, o companheirismo, a sinceridade, a beleza, os sonhos, a harmonia, ai, a vida é muito rica! Posso escrever dez páginas só para contar o que eu curto nela!

AM: Podemos dizer que existe a melhor idade ou todas as idades são ideais?

REGINA: Toda idade tem o seu encanto

e a sua beleza. E todas são maravilhosas, ao seu tempo e ao seu modo. O problema é quando a pessoa não consegue entender isso e fica levando uma vida falsa, fingindo que nunca vai ficar velha, por exemplo. Sempre brinco que só existem duas opções: ficar velha ou morrer. Se você quiser ser linda e jovem, vai ter de morrer linda e jovem, como Lady Di ou Marilyn Monroe. Mas se quiser curtir tudo que a vida lhe oferece, vai ter de ficar velha... Então, que seja uma velha feliz e, assim, eu garanto que vai ser linda, também!

AM: Apesar de alguns avanços na sociedade, os idosos continuam sofrendo muito com o preconceito no Brasil e no mundo. Como poderíamos reverter essa situação?

REGINA: Falando nisso, em primeiro lugar, para levar as pessoas à reflexão sobre o tema, melhorando inclusive a maneira como tratam os velhos da família, e para mostrar as vantagens da velhice; proporcionando uma velhice digna, mais confortável e ativa; e acabando com essa bobagem que é o eterno mito da juventude. Conforme bem disse Bernard Shaw, "a juventude é uma coisa muito boa; pena que seja desperdiçada com os jovens..."

Eu moro na Alemanha, onde a população velha é muito grande, como, aliás, em toda a Europa. Eles têm muitas vantagens, inclusive uma aposentadoria boa, mas sofrem com a solidão, porque as famílias são muito pequenas. São duas experiências bem distintas que eu vivo sobre o mesmo tema, o que é algo enriquecedor.

AM: Qual a sensação de escrever sobre um tema tão importante como esse: a velhice?

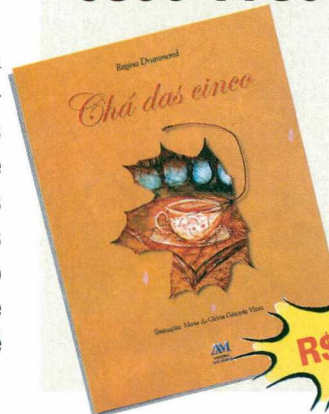
REGINA: Gostei muito. Eu sou uma pessoa otimista e alegre por natureza, então, acho que levei isso para a minha história. Nada de velhas tristes, esperando a morte, porque isso não faz sentido. E nem elas são assim! Espero que o meu livro provoque muitas conversas altamente proveitosas sobre o tema. ■

Entrevista concedida à jornalista Cristiane Perri.

Rosto da autora, pintado sobre uma folha, por Maria da Glória Gosciola Vizeu, amiga da autora.



Adquira já seu exemplar. Ligue para: 0800 7730 456



Tamanho 21x28 cm
32 páginas

R\$ 23,90



Comunicação solidária

Francisco Gomes de Matos

Este ano a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, escolheu, como tema de sua Campanha da Fraternidade, a desafiadora relação entre Solidariedade e Paz. No Texto-base, inserido no semanário litúrgico-catequético *O Domingo*, encontramos estes conceitos-chave: tranquilidade (social), justiça, harmonia, utopia, reconciliação, participação (comunitária), contra-violência, cidadania, misericórdia, perdão, generosidade. Se, como diz o referido texto, com base no Sermão da Montanha, “a lógica da paz é uma lógica de solidariedade” (cf. Mt 5-7), que atitudes refletiriam o que chamo “comunicação solidária”?

À luz de uma Pedagogia da Comunicação Pacífica, o que seria comunicar-se solidariamente? Como saber escolher vocabulário e fraseologias que contribuam para o bem de nosso próximo comunicativo, através da língua falada, ou da escrita ou de sinais (caso de pessoas com deficiências auditivas)? Para ajudar os leitores a sistematizar essa dimensão de nossa responsabilidade comunicativa, eis uma lista para auto-avaliação ou, como alguns preferem dizer, monitoramento: Sei me comunicar solidariamente, ao/ quando/se... (veja o quadro ao lado).

Nesta era de paz turbulenta, de apelos em favor da paz e harmonia, qual será nossa concepção de solidariedade internacional?

Como o(a) leitor(a) reagiria a este comentário feito em 1926 pela ativista política britânica Sylvia Pankhurst: “A solidariedade internacional é um sentimento que só cresce vigorosamente entre as pessoas plenamente convencidas que o capitalismo já era”?



Foto: Avelino S. de Godoy

Que este breve artigo possa contribuir para conscientizar os amigos leitores de que em nossa vida comunicativa, temos dois desafios permanentes: saber comunicar sobre a solidariedade (e conceitos afins) e saber comunicar solidariamente. Estaremos preparados para isso?

E as crianças e os jovens? Em sua educação comunicativa, estarão sendo orientados em face do direito de serem tratados com solidariedade e quanto à sua responsabilidade como comunicadores solidários?



Francisco Gomes de Matos é professor no Departamento de Letras, UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. fcgm@hotmail.com.br

Sei me comunicar solidariamente, ao/quando/se...

1. ... apoiar uma pessoa, um grupo, uma comunidade, através de palavras construtivas, que retratem ações igualmente positivas: animar, encorajar, entusiasmar, estimular, fortalecer, incentivar, motivar
2. ... apoiar pessoas, grupos ou comunidades, por meio de fraseologias construtivas. Exemplos:
 - Merece apoio integral a iniciativa humanizadora proposta pelo grupo;
 - Sua contribuição é bem significativa;
 - Louvável a intenção expressa no requerimento ...
 - A propósito de fraseologias solidárias, o(a) leitor(a) já terá feito um balanço crítico do que costuma dizer, ao querer “emprestar sua solidariedade a alguém”?
 - Que palavras vêm logo à mente e como as dispõe em frases, em parágrafos? Pensa nos possíveis efeitos de suas maneiras de dizer?
 - Consegue convencer, ao traduzir sua vontade de ligar-se, vincular-se a um grupo, a uma comunidade?
 - Observa como outras pessoas – em situações informais e formais – solidarizam-se, em Português (e em outras línguas, se for o caso)? O que aprende com essas observações?
3. ... apoiar meu próximo comunicativo, exprimindo uma solidariedade generosa, harmoniosa, misericordiosa, reconciliadora, tranquilizadora?
4. ... ajudar, inspirado em ensinamentos bíblicos, a uma pessoa que esteja se sentindo desanimada (Salmos 23;42;43), insegura (2Timóteo 3) solitária (Lucas 8), intranquilha (João 14), sofrendo (Isaías 26), rancorosa (Lucas 6).

Elaborada por Adelino Dias Coelho. Ilustrações de Cerezo Barredo, cmf.
Coloridas por Sheine Rodrigues Silva.



AMOR A DEUS EM TODOS OS MOMENTOS

30º domingo do Tempo Comum
Dia das Missões
23 de outubro

INTRODUÇÃO

É ainda corrente entre nós a idéia de que existe uma separação entre o sagrado e o profano. Assim, pensa-se que uma de nossas obrigações sociais é ir à Igreja, aos domingos, e após isso, então sim, podemos nos dedicar às outras coisas que nada teriam a ver com a religião.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Êxodo 22,20-26

Este trecho, talvez redigido numa hora de crise sócio-econômica, indica, no amor aos estrangeiros, às viúvas, aos órfãos e aos pobres, o modo de viver o amor de Deus.

É ótima explanação do sentido do evangelho de hoje, mas, além disso, contém uma mensagem muito atual para nós. Não há por acaso quem às vezes se aproveite das pessoas mais fracas, dos mais pobres, dos menos protegidos, dos que não têm instrução, dos que estão na miséria, para roubar, enganar e enriquecer-se? Não há pessoas que fazem especulação até

com gêneros indispensáveis à sobrevivência, como remédios e a merenda das crianças, nas escolas? Deus nos deu um mandamento só: *Amarás o Senhor teu Deus, com todo o seu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças* (Deuteronômio 6,5). Todos os outros preceitos ou mandamentos surgiram para indicar como se pode, concretamente, amar a Deus em todo o momento.

Para meditação: Salmo 17,2-3a. 3bc-4.47 e 51ab (Refrão: *Eu vos amo, Senhor, minha força!*). Grandioso hino de ação de graças! A experiência da salvação, recebida do Todo-poderoso, transforma o salmista num pregador que proclama as maravilhas de Deus.

2ª leitura: 1 Tessalonicenses 1,5c-10

O que se faz necessário para que uma comunidade se torne fervorosa? Paulo escreveu que, em *primeiro lugar*, é preciso, rezar com a *Bíblia* nas mãos. Isso quer dizer interiorização da Palavra, acolhimento dela e imitação do Senhor. Mas isso é mais fácil de dizer do que de praticar, porque não podemos nos concentrar na oração se estivermos apegados ao egoísmo e distantes da prática da caridade com os irmãos, a começar por nossa casa e pelo nosso trabalho. Daí, surge a *segunda condição*: convertermo-nos, afastando-nos do mal para nos entregar ao serviço de Deus, vivo e verdadeiro. Isto exige de nós sacrifícios, o abrir mão da vontade própria e disponibilidade.

Por fim, nossa religião deve ser viva, ou seja, a todo momento erguer ao nosso Pai cultos de louvor com os atos de renúncia que o amor aos irmãos pede de nós. Esta oferta se unirá, depois, ao único sacrifício de seu Filho, que se renova em cada missa.

Aclamação ao Evangelho (Mateus 11,25): **Aleluia, aleluia, aleluia.** *Eu te lou-*

vo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque revelaste os mistérios do Reino aos pequeninos. Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Mateus 22,34-40

O amor a Deus, baseado na observância de algumas normas e ações a serem cumpridas, tranqüiliza algumas pessoas: “É para assistir à missa? Assisto”. “É para jejuar? Jejuo”. “É para ir a uma procissão? Eu vou.

Era com um sentimento semelhante (de dever cumprido) que os fariseus, no tempo de Jesus, discutiam a importância das 365 proibições que eles encontravam na *Bíblia* e qual era a mais proeminente dentre as 248 ações a serem cumpridas. Com tantas normas, mais do que difícil, era quase impossível praticá-las todas. A esse propósito, com razão, Jesus disse: *Ai de vós, doutores das leis, que carregais os homens com pesos que não podem levar* (Lucas 11,46). Jesus falava de “pesos insuportáveis”, de jugos pesados (opressões) que cansam, tiram a “respiração” do espírito e a alegria de viver.

Por isso, Mateus registra, em outra parte de seus escritos, estas palavras do Mestre: *Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei... porque meu jugo é suave e meu peso leve* (11,28).

E qual a chave para a libertação? Como proceder para conseguir essa paz? — Cristo nos ensina: *Tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei-o também vós a eles: nisto estão toda a lei e os profetas* (7,12).

REFLEXÃO

A alimentamos a idéia de que toda a nossa vida é um culto a Deus? Ou separamos a liturgia da igreja, das nossas ações? Tratamos os outros como gostaríamos de ser tratados? Seremos daqueles que oprimem os que estão à nossa volta?



O MAIOR É O QUE SERVE

31º domingo do Tempo Comum
30 de outubro

INTRODUÇÃO

Na hora de “desejarmos a paz” na missa, é uma festa. Mas, em casa é uma tristeza. Ofendemos o(a) esposo(a) e há até quem chegue a bater nele(a). Somos egoístas, falamos mal dos outros, não ajudamos ninguém. Se assim procedemos, podemos, com razão, ser chamados de “fariseus modernos”!

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Malaquias 1,14b — 2,2b.8-10

O profeta prega a fidelidade à Palavra de Deus, a ser celebrada no culto e na vida. E volta-se contra a falsa atitude religiosa dos sacerdotes, que não praticavam o que ensinavam. Essa tentação ronda, hoje, como naquele tempo, tanto os animadores da comunidade cristã como a cada um de seus membros.

De fato, não adianta usarmos palavras muito bonitas sobre a caridade e, depois, não as pôr em prática. Que adianta mentalizarmos que somos bons, que sentimos dó dos que sofrem, se nenhuma atitude concreta realizamos?

Os filhos ficam para lá com suas ne-

cessidades, e nós, pais, sempre muito ocupados, ficamos longe deles, iludindo-nos de que somos bons, porque rezamos por eles(!).

Para meditação: Salmo 130,1.2.3 (Refrão: *Guardai-me, em paz, junto a vós, ó Senhor!*). Deus é diferente de nós. Ensina e pratica. Por isso, o salmista compara sua fé em Deus à de uma criança, que confia plenamente em sua mãe.

2ª leitura: 1 Tessalonicenses 2,7b-9.13

A primeira leitura referia-se àqueles que não praticam o que ensinam; por contraposição, nesta, destaca-se o exemplo de Paulo, cujas ações eram coerentes com o que ele pregava aos habitantes de Tessalônica. De fato, eles até puderam notar os sinais dos maus tratos pelos quais passara em Filipos (cf. 2,2).

Embora tivesse o direito de ser sustentado pelas comunidades a quem evangelizava, Paulo quis dar o exemplo de trabalho, para poder ensinar os indolentes. Até muito tarde da noite, fazia tendas, após um dia de atividade intensa. Daquele testemunho, nasceu a exortação a uma vida digna de Deus, e os fiéis compreenderam que aquela palavra, embora pronunciada por um homem, não podia ser palavra humana, mas palavra de Deus.

Uma pregação não apoiada pelo testemunho não tem a força do Espírito. Não pensemos só nas homilias, sermões e catequese dos padres, mas na “pregação” dos pais e mestres que educam seus filhos e alunos, mas não fazem nada daquilo que lhes ensinam. Que estímulo, por exemplo, pode ter uma criança para perdoar seu irmão se os pais brigam entre si e ficam sem se falar por dias e dias? Que sobriedade pode ter um jovem para se afastar das drogas se seus pais fumam e bebem sem parar?

Aclamação ao Evangelho (Lucas 21,36): Aleluia, aleluia, aleluia. *Vigiai e*

orai constantemente, a fim de serdes dignos de vos apresentar diante do Filho do Homem. Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Mateus 23,1-12

Jesus ensinou que todo poder vem do alto. A prova disso é que, antes de sua condenação à morte por Pilatos, reconheceu sua autoridade e o respeitou. Por isso, recomenda que seus discípulos obedeçam aos que estão *sentados na cátedra de Moisés (v.2)*, embora *digam mas não façam*.


Censura aquele que manda, mas deixa os subordinados “se virarem”, sem se *dispor a mover, ao menos com um dedo, os fardos pesados que lhes põe sobre os ombros (v.4)*.

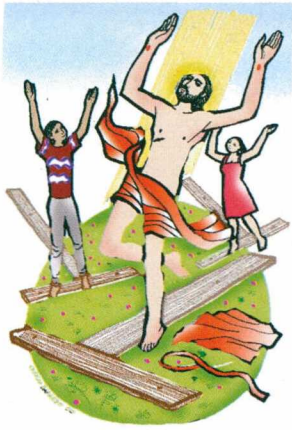
Recomenda pureza de intenção para quem tem a missão de caminhar junto com outras pessoas, visando a uma missão, não o fazendo *para ser visto pelos homens (v.5)*, nem para provocar elogios. E, se esses houver, não devem ser só para ele, mas para o grupo todo.

Jesus pede, ainda, que só a ele tenhamos como Pai, Mestre e Guia. Porque dele é que vem a eficácia da palavra de Deus e não do coordenador da equipe.

Vigiar e orar, finalmente, são os conselhos de Jesus aos que têm a responsabilidade de dirigir, ensinar e educar. Só tem autoridade sobre os outros o líder que serve, que se sacrifica e reza pelos que lhe foram confiados. Jesus mostrou isso quando na última ceia lavou os pés dos discípulos.

REFLEXÃO

Se temos a missão de liderança, mostramos responsabilidade e coerência, pondo em prática o que ensinamos? Temos consciência da força dos exemplos para os outros? Podemos realmente afirmar que Jesus é para nós, Pai, Mestre e Guia? 



A RESSURREIÇÃO, FUNDAMENTO DE NOSSA FÉ

Comemoração de todos os fiéis
defuntos (2ª missa)
2 de novembro

INTRODUÇÃO

Hoje, a liturgia faz memória de todos os defuntos, não para aterrozar-nos, mas para levar-nos à “sabedoria do coração”, para nos fazer descobrir o verdadeiro sentido desta vida e para lembrar-nos a alegre verdade sobre a qual está fundamentada nossa fé: a ressurreição.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Isaías 25,6a.7-9

O Senhor Deus eliminará definitivamente a morte e enxugará as lágrimas de todos os rostos (v.8). Esta frase de Isaías tinha como finalidade imediata a descrição do renascimento político de seu povo, mas a amplitude de sua formulação fazia-os entenderem uma revelação surpreendente.

A sentença seguinte confirma esta reflexão: *Então, naquele dia, se dirá: “Eis o nosso Deus, de quem esperamos a salvação; este é o Senhor, no qual colocamos nossa esperança!”* (v.9). O profeta estava claramente fa-

lando dos tempos messiânicos. Na vida do Messias toda situação de “morte” seria transformada. Existiria apenas alegria, felicidade. Seria a festa, o banquete do Reino.

Nós participamos já desse Reino, que tem sua realização quando lutamos contra os sinais de morte que marcam nossa sociedade. A vida nova, conquistada por Cristo com sua ressurreição, deve-nos levar a construí-la, em nossa família, buscando a justiça, a honestidade, com caridade, sempre.

Para meditação: Salmo 24,7.17-18.20 (Refrão: *Quem espera em vós, Senhor, não será enganado*). O salmista reza a Deus para aprender a caminhar na obediência à sua vontade; é feliz quem está sempre disposto a seguir confiante os planos de Deus, mesmo quando for preciso esperar contra toda a esperança, pois Deus só quer o nosso bem.

2ª leitura: Romanos 8,14-23

Deus não nos criou por simples diversão, não nos fez para nos aniquilar em seguida no desaparecimento. Criou-nos para a vida. Essa vida é para sempre. Nascemos para nunca mais morrer!

Mas, — objetaremos nós —, somos pecadores, carregados de misérias e de vícios que não conseguimos vencer. Se o ingresso na festa estiver condicionado à nossa conduta, o risco de permanecermos excluídos é muito elevado...

Paulo, na carta aos cristãos de Roma, diz-nos que absolutamente nada pode destruir nossa alegria. Nossa esperança não será desiludida porque não está alicerçada em nossas boas obras, em nossa capacidade, em nossa fidelidade, mas sim no amor incondicional de Deus.

Aclamação ao Evangelho (Mt 25, 31-46): Aleluia, aleluia,aleluia. *Vinde benditos de meu Pai, recebei o Reino,*

preparado para vós desde a origem do mundo. Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Mateus, 11,25-30

Os escribas e fariseus tinham organizado uma religião complicadíssima, constituída de regras minuciosas, de prescrições de observância impossível. Pensavam, assim, conhecer intimamente a Deus.

Jesus ensina que o verdadeiro conhecimento de Deus somente ele o pode dar, não os intelectuais de Jerusalém. Eles pregavam um deus legislador e juiz severo, mas esse deus terrível não era o Pai que Jesus revelava ao povo e seus discípulos.

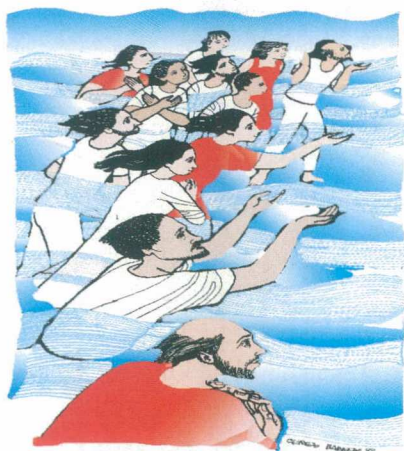
Freqüentemente, ainda em nossos dias, o deus que sai da cabeça dos sábios e dos instruídos de nossa época não passa de um ídolo, não se assemelha ao Pai de que nos fala o evangelho, o Pai que ama sem condições e que prefere os pobres.

A esses pobres, oprimidos pelo medo de Deus e pelo poder intelectual e religioso dos guias espirituais de seu povo, Jesus diz: *Afastai de vós o medo! Libertai-vos dessa religião opressora! Aceitai a minha lei, a nova, a que tem um único mandamento: o amor ao irmão.* A minha é a religião da alegria!

“Senhor, para os que creem em vós, a vida não é tirada, mas transformada. E, desfeito o nosso corpo mortal, nos é dado, nos céus, um corpo imperecível” (Prefácio dos Fiéis Defuntos, I), espiritual, como o de Cristo!

REFLEXÃO

Qual é o Deus em que acreditamos: o dos “sábios e instruídos” ou é aquele revelado por Jesus? Para quem é sinal de esperança a nossa comunidade cristã: para os bons ou para os que erraram na vida? Lutamos contra os “sinais de morte”: injustiças, corrupção, desemprego, fome?



SOMOS CHAMADOS A SER SANTOS

Todos os Santos
6 de novembro

INTRODUÇÃO

No passado, os santos eram considerados uma espécie de intermediários que tinham a função de “amortecer” o impacto com um Deus considerado muito grande e muito distante, estranho aos nossos problemas. Hoje, os santos são considerados cada vez menos como intermediários e cada vez mais como irmãos, amados e admirados, que, juntamente conosco, dirigem-se sempre ao mesmo Pai.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Apocalipse 7,2-4.9-14

Quando vemos em nossa cidade, em nosso país, no mundo, tantos inocentes sofrendo, vítimas de violências, de injustiças, da corrupção, do desemprego, interrogamo-nos sobre a razão disso tudo e não a encontramos.

Nesta leitura, fala-se do livro que contém a resposta às nossas angustiadas perguntas. O Cordeiro (Jesus) o abrirá e quebrará, um a um, os seus sete selos, isto é, revelará os mistérios da nossa existência.

Após o rompimento do sexto selo, a

grande multidão em pé diante do Cordeiro, bem como a outra imensa que ninguém pode contar não são um grupo de privilegiados.

Passaram na Terra por provações, como nós. Mas qual a diferença entre eles e nós? — Foi a maneira de olhar a realidade deste mundo. As dificuldades não os revoltaram, não os abateram. A doença, a dor, a traição para eles não foram derrotas, mas momentos de amadurecimento e de crescimento.

Para meditação: Salmo 23,1-2.3-4ab.5-6: (Refrão: *Felizes os de coração puro, porque verão a Deus*). Aquele que é o Senhor de tudo, cujo exército é o céu estrelado, vem morar entre os homens, entre os que o procuram. A este rei glorioso se prepara uma grande recepção, da qual participam os que lhe são fiéis.

2ª leitura: 1João 3,1-3

A vida divina é um dom gratuito do Pai. Ainda que não possa ser verificada pelos sentidos, sua presença não passa despercebida porque produz sinais inequívocos que todos podem constatar.

Jesus comparou-a ao vento que não se sabe de onde vem nem para onde vai; existe, notam-se os sinais que manifestam sua presença, mas não pode ser visto com os olhos (cf. João 3,8). Assim — completou Jesus — *acontece com aqueles que nasceram do Espírito*.

Sim, porque nós recebemos a vida divina no batismo, embora velada. Por isso, somos enganados pelas aparências, supervalorizamos o que é passageiro e nos descuidamos do que realmente importa.

Aclamação ao Evangelho (Mateus 11,28): Aleluia, aleluia, aleluia. *Vinde a mim, todos vós que penais e carregais os vossos fardos; e eu vos darei repouso, diz o Senhor*. Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Mateus 5,1-12a

Para nos abirmos à palavra de Deus, será necessário primeiro esquecer as “bem-aventuranças” do mundo, ouvidas em cada esquina e mesmo dentro de nossas casas: “a saúde é tudo”; “o que interessa é o sucesso”; “feliz é aquele que tem uma bela conta no banco”; feliz é quem pode viajar, divertir-se, gozar de todos os prazeres”; “o que me interessa é o sexo”; “sacrificar-me, fazer renúncias em favor dos outros? nisso não quero nem pensar!”. Quero aproveitar minha aposentadoria para descansar bastante, viajar, tirar bastantes fotos para dar inveja aos amigos, comprar muitas coisas, etc...”. Tais bem-aventuranças trarão felicidade, darão sentido à vida?

Como foi que Jesus Cristo foi feliz e deu sentido à sua vida? Doando-se completamente aos irmãos. Suas bem-aventuranças são exemplo disso. Infelizmente, não é possível comentá-las todas, mas atenhamo-nos, ao menos, à primeira: *Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos Céus* (v.3).

O que é ter coração de pobre? — É pobre de coração quem possui um carro e se serve dele para ajudar quando alguém precisa; aquele que tem uma grande indústria e investe o dinheiro para dar trabalho a outros operários; quem estudou e põe a serviço dos outros os seus conhecimentos. Essa pobreza voluntária, é sempre encontrada em todos os santos.

REFLEXÃO

Vemos, nas dificuldades, ocasião para crescer interiormente e amadurecer o espírito? Valorizamos a vida divina em nós, ou trocamos-la, facilmente, pelo que é passageiro? Eu posso afirmar que meus atos demonstram que tenho coração de pobre?

LEITURAS SEMANAIS DAS MISSAS DE OUTUBRO

26ª SEMANA DO TEMPO COMUM

1º - SÁBADO: Br 4,5-12.27-29 = Palavras de consolo: aquele que vos feriu há de consolar-vos. Sl 68. Lc 10,17-24 = Volta de missão bem-sucedida.

27ª SEMANA DO TEMPO COMUM

3 - SEGUNDA: Jn 1,1 — 2,1.11 = Jonas tenta fugir da missão que Deus lhe confiara. Cânt.: Jn 2,2-8. Lc 10,25-37 = Parábola do bom samaritano, o verdadeiro próximo. **4 - TERÇA:** Jn 3,1-10 = Nínive inteira se converte a Deus. Sl 129. Lc 10,38-42 = Jesus em casa de Marta e Maria. **5 - QUARTA:** Jn 4,1-11 = Deus recrimina a impaciência de Jonas. Sl 85. Lc 11,1-4 = Assim deveis orar: "Pai nosso...". **6 - QUINTA:** Mt 3,13-20a = A grande diferença entre obedecer e não obedecer a Deus. Sl 1. Lc 11,5-13 = Oração persistente e sua eficácia. **7 - SEXTA:** *Nossa Senhora do Rosário*. At 1,12-14 = Perseveravam na oração, com Maria, mãe de Jesus. Cânt.: Lc 1,46-55. Lc 1,26-38 = Anunciação do nascimento de Jesus. **8 - SÁBADO:** Jl 4,12-21 = Julgamento das nações hostis e restauração de Jerusalém. Sl 96. Lc 11,27-28 = Ditoso o ventre que te trouxe! Ditosos os que ouvem a palavra!

28ª SEMANA DO TEMPO COMUM

10 - SEGUNDA: Rm 1,1-7 = Paulo, servo de Jesus Cristo, para anunciar o Evangelho. Sl 97. Lc 11,29-32 = O "sinal" de Jonas. **11 - TERÇA:** Rm 1,16-25 = Culpa dos gentios por não reconhecerem a existência de Deus. Sl 18. Lc 11,37-41 = Limpar o interior, não apenas a aparência. **12 - QUARTA:** *Nossa Senhora da Conceição Aparecida*. Est 5,1b-2; 7,2b-3 = Salva o meu povo, eis o meu desejo. Sl 44. Ap 12,1.5.13a.15-16a = Apareceu no céu uma mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés. Jo 2,1-11 = Que temos nós com isso, mulher? **13 - QUINTA:** Rm 3,21-30 = A fé nos santifica independentemente das nossas obras. Sl 129. Lc 11,47-54 = Ai de vós, que matais os justos e impedis a prática do bem! **14 - SEXTA:** Rm 4,1-8 = Abraão justificado pela fé. Sl 31. Lc 12,1-7 = Temer somente a Deus. **15 - SÁBADO:** Rm 4,13.16-18 = Herdeiros de Abraão pela fé. Sl 104. Lc 12,8-12 = Diversas instruções de Jesus aos discípulos.

29ª SEMANA DO TEMPO COMUM

17 - SEGUNDA: Rm 4,20-25 = Fé do patriarca Abraão e fé cristã. Cânt.: Lc 1,69-75. Lc 12,13-21 = Parábola do homem rico, insensato e avaro. **18 - TERÇA:** *S. Lucas, Evangelista*. 2Tm 4,10-17b = Somente Lucas está comigo. Sl 144. Lc 10,1-9 = A colheita é grande, mas os operários são poucos. **19 - QUARTA:** Rm 6,12-28 = O cristão, livre do pecado para servir a Deus. Sl 123. Lc 12,39-48 = Vigilância: administrador fiel e administrador malvado. **20 - QUINTA:** Rm 6,19-23 = Libertados do pecado para servir a Deus. Sl 1. Lc 12,49-53 = Vim trazer à terra fogo, separação, divisão... **21 - SEXTA:** Rm 7,18-25a = Conflito interior: importância da Lei diante do pecado. Sl 118. Lc 12,54-59 = Discernir os sinais dos tempos; reconciliação. **22 - SÁBADO:** Rm 8,1-11 = O Espírito, que ressuscitou Jesus, habita em nós. Sl 23. Lc 13,1-9 = As desgraças nem sempre são castigo; a figueira estéril.

30ª SEMANA DO TEMPO COMUM

24 - SEGUNDA: Rm 8,12-17 = O Espírito Santo dá testemunho de que somos filhos de Deus. Sl 67. Lc 13,10-17 = Cura de uma mulher encurvada (em dia de sábado). **25 - TERÇA:** Rm 8,18-25 = Esperança dos filhos de Deus. Sl 125. Lc 13,18-21 = Parábolas do grão de mostarda e do fermento. **26 - QUARTA:** Rm 8,26-30 = Ação do Espírito em nós; predestinação. Sl 12. Lc 13,22-30 = Número dos escolhidos; porta estreita. **27 - QUINTA:** Rm 8,31b-39 = Nenhuma criatura nos poderá apartar do amor de Deus! Sl 108. Lc 13,31-35 = Herodes ameaça Jesus; Jesus profetiza: ai de ti, Jerusalém! **28 - SEXTA:** *S. Simão e S. Judas Tadeu, Apóstolos*. Ef 2,19-22 = Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos. Sl 18. Lc 6,12-19 = Jesus escolheu Doze, aos quais deu o nome de apóstolos. **29 - SÁBADO:** Rm 11,1-2a.11-12.25-29 = A rejeição de Israel não é total nem definitiva. Sl 93. Lc 14,1,7-11 = Lição de humildade: escolher o último lugar

31ª SEMANA DO TEMPO COMUM

31 - SEGUNDA: Rm 11,29-36 = Deus quer manifestar sua misericórdia em favor de todos. Sl 68. Lc 14,12-14 = Convidar não amigos e parentes, mas os pobres, doentes, infelizes.

A psicologia da traição

Antônio José Eça

O homem pare para considerar que deve começar a pensar de forma mais adequada em sua companheira e tratar de dar valor a ela, descendo de seu pedestal de "insubstituibilidade".

Hoje, vamos pensar um pouco sobre a traição, mas não a traição "pura e simples". Primeiro, porque traição não é nem pura nem simples; segundo, porque a traição não é uma coisa boa, nem a do homem, nem a da mulher.

A psicologia de cada parceiro que trai é diferente, até porque os enfoques de vida do homem e da mulher também são diferentes. Por este motivo, a traição não pode ser vista apenas de uma maneira.

Vamos começar nos atendo à traição da mulher.

Antes, pensemos no termo "traição" e seu sentido, pelo menos como é visto na maioria das vezes. No ato da traição, o enfoque maior vai para o traído e não para o que trai. Assim, o fato ocorrido perde a relevância frente ao acontecimento aparentemente mais importante de alguém ter sido passado para trás.

Talvez este enfoque tenha algo a ver com a criação de nossa sociedade, que, entre outras coisas, é calcada na moral religiosa judaico-cristã, que nos leva a pensar em Judas *versus* Cristo, quando este é traído e a partir de então passa por uma série de sofrimentos que nos levam fatalmente ao adjetivo "coitado". Talvez por analogia, quase que automaticamente, quando se ouve falar em um traído, pensa-se imediatamente no "coitado".

O que se reflete é o seguinte: será que ele é tão coitado assim? Será que ele não tem nenhuma parcela de res-

ponsabilidade no que ocorreu? Talvez esteja na hora de começar a considerar a realidade de que o marido traído também tem sua parcela de responsabilidade no acontecimento. Por outro lado, na maioria das vezes, a traição do homem,



Foto: Avelino S. de Godoy

segundo o senso comum como adiante vamos ver, não se enquadra neste pensamento. Temos também que excluir aqueles casos onde as pessoas têm casamentos "abertos", onde é permitido a cada um que tenha suas experiências extra-conjugais, pois aí não se configura uma "traição".

O que ocorre é que a mulher que trai, na maioria das vezes só o faz como ato final de um desencanto crescente, um desencanto daquele que deveria estar mais presente em sua vida. Alguns homens adotam uma linha de pensamento rude, exclusivista e "machista", achando que a mulher não tem de que reclamar, que ele já faz

muito "não deixando faltar nada em casa", e dentro deste "faltar nada", só se considera o supermercado e coisas do gênero.

Mas onde fica o "faltar nada" psicológico? Quanto tempo faz que ele não sai para namorar com a esposa, ou se sentar para conversar com ela quando chega a noite? Quanto tempo faz que ele não se propõe ouvir seus queixumes, por mais que intimamente tenha vontade de falar que é "frescura"? Será que não dá para perceber que talvez ela esteja precisando de uma atenção amorosa dele, de noite ou no fim-de-semana? Não! O "lindo" chega, quer comer, ver novela e dormir, porque "ele, sim, é que está com mil problemas". Ela, de que se queixa? Da criança? Da empregada (quando tem)? (papo "cri-cri" — criança e criada), do chefe, quando trabalha fora? Da vizinha que veio

pedir açúcar pela décima vez? A resposta é: "Ora, não me amola, isto não é problema; você, como sempre, está fazendo tempestade num copo d'água".

De exemplo em exemplo, podemos chegar a uma infinidade deles, que levam a um último pensamento: por vezes, o homem se esquece de que sua mulher pode ter anseios, vontades e esperanças, das quais façam parte algumas outras coisas que sejam exclusivas dela. Talvez ela queira dividir "com-aquele-que-um-dia-se-propôs-ser-seu-amigo" algo mais do que a cama de dormir, a conta do banco e coisas assim!

Nestas condições, o que será que ocor-

re se num momento deste, meio abandonada, susceptível e vulnerável, aparece alguém que se proponha ouvi-la, compreendê-la e se interessar pelo mundo dela, mesmo que seja por um pequeno período (às vezes até de um dia), como se está acostumado a saber que ocorre? Será que não existe o risco de ela se interessar por esta pessoa? Será, então, que isso caracteriza uma traição, naquele sentido do “coitado, que não merecia ser traído assim”? Parece que não, e quase dá para pensar, meio maldosamente, que o “coitado” em questão mereceu isto.

Algumas pessoas que estão lendo esta passagem devem estar pensando diferente, neste momento, e achando que quero subverter a “ordem das coisas” (diga-se de passagem que esta ordem foi colocada aí não se sabe bem por quem ou por quê). Não é bem isto. Existem, realmente, outros motivos para a traição e é fácil em uma sociedade machista só se colocar a culpa na mulher, que é uma “não sei o quê”. O que pretendo é que paremos para pensar que em tudo, até na traição, há uma participação de todas as pessoas envolvidas e não somente dela, que é vista sempre como a única culpada. Falar sobre isto pode fazer com que se alivie a ansiedade de algumas pessoas que eventualmente estejam se sentindo atraídas por alguém e por isto estejam se achando a “última das moicanas”, o mais execrável dos seres.

Não se deve pensar assim. O que se deve considerar é que você tem direito a carinho, compreensão, amizade e companheirismo. O que se pode aprender é que talvez isto possa ser discutido com o companheiro, que talvez esteja precisando de um “tranco” para se ligar no fato de que pode estar perdendo a companheira sem perceber. Se, mesmo com este toque, o “coitado” não acordar, provavelmente ele, como tínhamos falado no começo, não seja tão “coitado” assim.

É bem verdade, também, que alguém possa estar querendo uma justificativa externa a si própria para “aprontar” alguma! Talvez estes escritos possam vir a ser usados como subterfúgio para isto, o que vai ser uma desonestidade, já que não se estará agindo em bases verdadeiras e compreensíveis. Com isso, obviamente não podemos concordar e de forma alguma endossar.

Tudo isto pode servir, no entanto, para que o homem pare para considerar que deve começar a pensar de forma mais adequada em sua companheira e tratar de dar valor a ela, descendo de seu pedestal de “insubstituibilidade”.

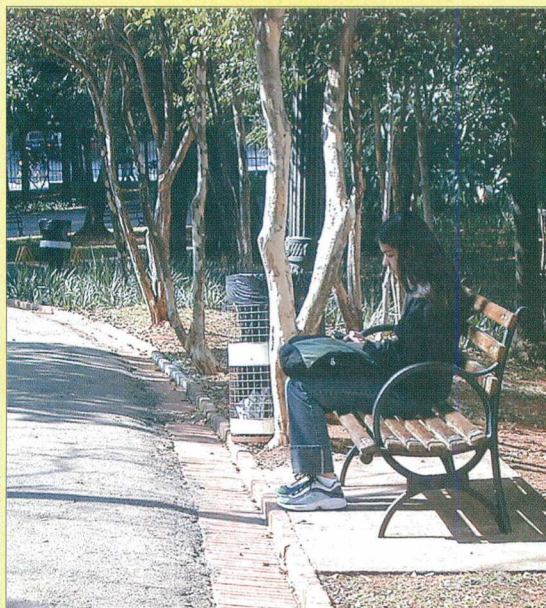


Foto: Eduardo Russo

E, falando no homem, como é a grande característica da sua traição?

A primeira delas é quando ele fala para si: “Ora, uma puladinha de cerca não faz mal a ninguém”. Há de se esclarecer que a “puladinha de cerca” é aceita somente para ele. Ela não pode!

Claro que não vai poder! Não podemos nos esquecer de que a nossa sociedade tem preceitos feitos pelos homens e para os homens! Não nos esqueçamos também que o tal do “sexo frágil”, somente nos últimos anos tem conseguido firmar-se e fazer-se ouvir e respeitar.

Como exemplo, vamos lembrar que é recente, deste século para ser mais exato, o fato de a mulher poder votar. Exemplos como este existem inúmeros outros.

Para que se mude isto, é preciso basicamente continuar a lutar e a defender seus direitos e anseios sem trégua. É óbvio que os homens não vão “entregar o ouro” de mão beijada, mas infelizmente, para se conseguir uma mudança, as mulheres têm que continuar lutando e serem as primeiras a defender seus interesses, para que com isto “contaminem” os outros com suas posturas e idéias.

O que estamos pensando, agora, é naquela traição “justificada”. Calma, antes de me crucificar, observem as aspas no “justificada”. É ele quem vai apregoar ao mundo que: “Coitado, o que ele pode fazer, ela não liga mais para ele”, e coisas do gênero. Agora ela só trabalha, só cuida das crianças, não liga para ele, assim, “não resta outra alternativa” senão arrumar um “ombro amigo”.

Ora, tal postura é totalmente inadequada, pelo óbvio motivo que se constitui numa justificativa infantil para uma atitude egoísta. Primeiro, alega-se que esta mulher está muito “chata” em casa, sem fazer nada, querendo que ela vá trabalhar e ajudar na obtenção do dinheiro, ou então, acha-se que ela precisa engravidar e ter filhos para preencher a vida dos dois. Só que, quando ela faz isto, aquele que parecia “moderno” e “adequado”, mostra sua face real, e advoga para si o direito de se sentir “passado para trás”, tal qual um bebeção desprezado que vai em busca de um colo e de uma mamadeira.

Talvez seja o caso de se considerar que o homem que faz isto está mostrando uma face fraca, infantil, imatura e primitiva. Talvez também seja o caso de se pensar que a mulher que tratou de ir trabalhar para ajudar, ou se propôs ter filhos e cuidar deles, como nos exemplos >>>>

Yvone Barros Oliveira

Sugestão para a Primavera

Entrada

MUSSE DE ATUM

Ingredientes

- 1 cebola média
- Sal, se achar necessário
- 1 colher/sopa de catchup
- 2 latas de atum sem óleo
- 1 vidro pequeno de maionese
- 1 pacote de gelatina sem sabor
- 1 lata de creme de leite sem o soro
- 1/2 copo de água para dissolver a gelatina



Modo de preparar

1. Bata tudo no liquidificador.
2. Servir com alface.

Prato principal

BOLO DE CARNE COM LEGUMES

Prepare os legumes

- 4 tomates
- 1 cenoura
- 1 beringela
- 2 abobrinhas
- 4 cebola pequenas
- 2 pimentões vermelhos
- 3 colheres/sopa de óleo
- 3 dentes de alho amassados
- Sal, pimenta e orégano a gosto

Ingredientes

- 3 colheres/sopa de salsinha picada
- 2 colheres/sopa de farinha de trigo
- 1 pãozinho francês, molhado em água e espremido
- 1/2 colher/chá de orégano
- 3 dentes de alho picado
- 1 cebola grande picada
- Sal e pimenta-do-reino
- 750 g de carne moída
- 1 gema e 1 ovo

Modo de preparar

1. Misture todos os ingredientes para o bolo de carne.
2. Leve ao forno numa assadeira untada e polvilhada com farinha de trigo. Asse em temperatura moderada (170°) por 1 hora mais ou menos.
3. Aqueça o óleo numa panela grande. Pique uma das cebolas e o alho e os frite até que fiquem transparentes.
4. Corte os pimentões ao meio, retire as sementes e a parte branca e corte-os em tiras.
5. Lave as beringelas, as abobrinhas e a cenoura e corte-as em quadrados.

6. Descasques os tomates, retire as sementes e corte-os em quadradinhos. Acrescente juntamente com os temperos à panela.
7. Deixe cozinhar até que fiquem macios. Coloque numa travessa em volta do bolo de carne assada e sirva com arroz.

Sobremesa

CREME DE MARIA-MOLE

Ingredientes

- 2 copos de leite
- 1 lata de creme de leite
- 1 lata de leite condensado
- 1 caixa de maria-mole em pó

Modo de preparar

1. Esquente o leite sem ferver. Retire do fogo e coloque o pó da maria-mole no leite para derreter, mexendo sempre. Quando estiver quase frio, bata no liquidificador com os outros ingredientes.
2. Leve ao refrigerador em fôrma de pudim, ligeiramente molhada.
3. Separadamente, faça uma calda de caramelo. Sirva juntos.

ERRATA

Na revista passada (agosto), a receita da **sobremesa** apresentou um erro de formulação no **Modo de preparar o Recheio do Bolo de Chocolate: No nº 1, retirar a frase: Asse em fôrma bem untada.**

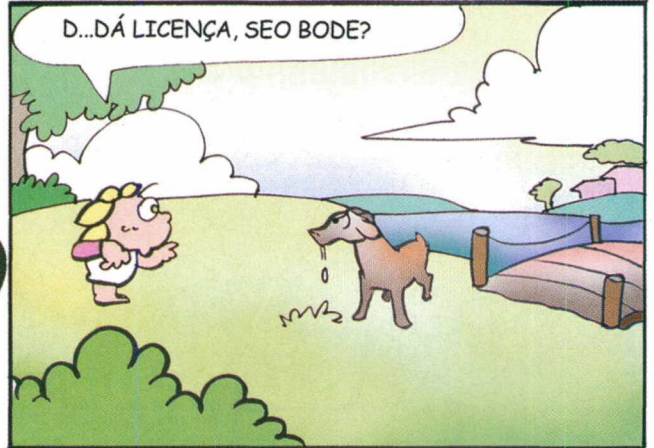
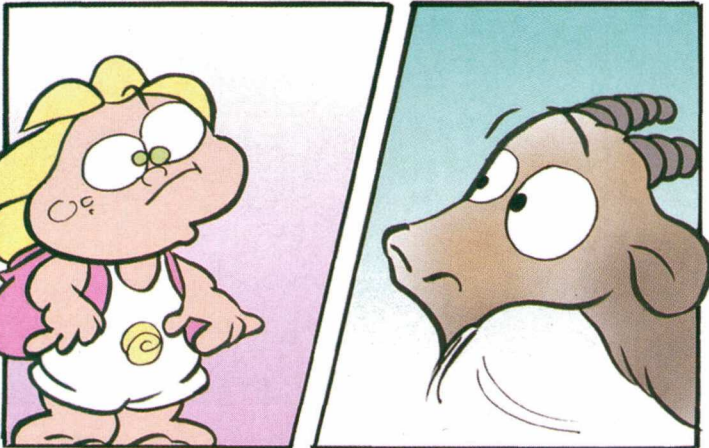
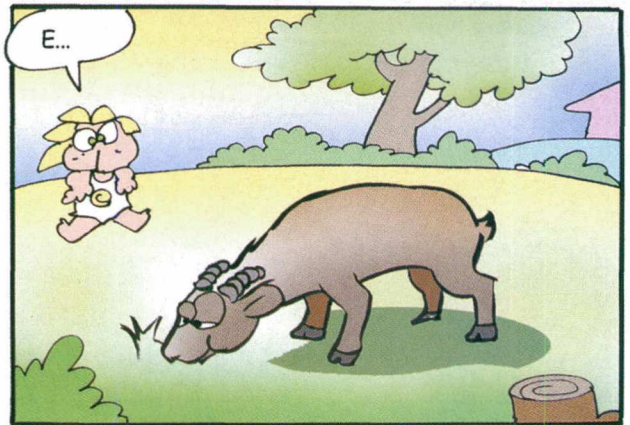
>>>> (Continuação da página 31) acima, está demonstrando possuir uma força que não havia sido considerada até então.

Assim sendo, talvez esteja na hora de esta mesma mulher dar um chacoalhão no tal do marido para que ele se aprume e comece a fazer por merecer uma mulher forte e íntegra, até porque não se pode deixar de considerar que, se ela está mos-

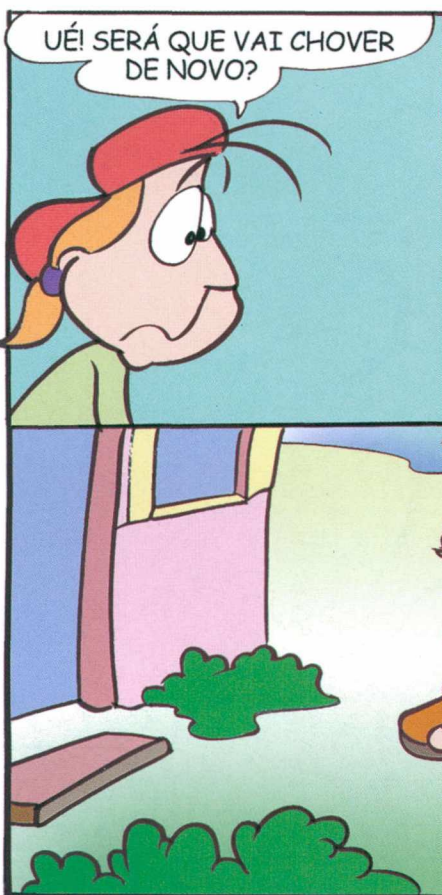
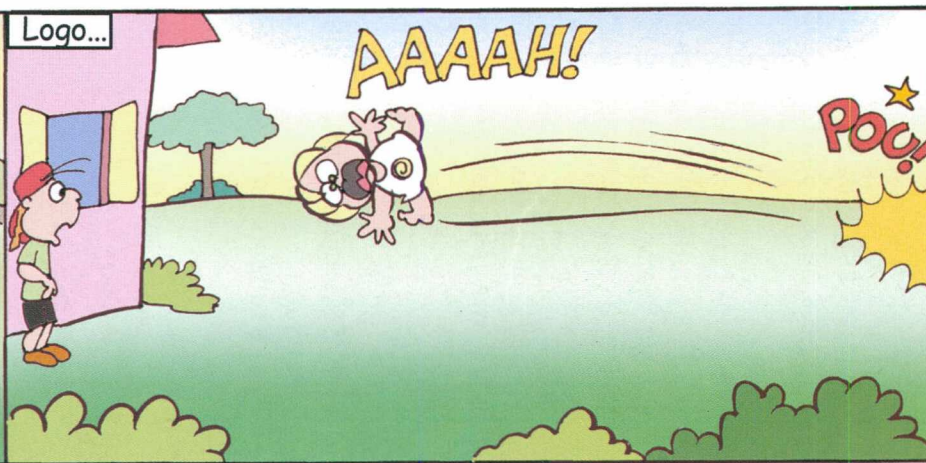
trando forças para isto, muito provavelmente ela terá forças para enfrentar a vida sem aquele marido fraco e inseguro.

No entanto, se a mulher desta pequena história viver ainda no século passado... bem, então pouco adiantou lutar para tentar dar direitos às mulheres, porque deste modo ela nunca vai votar em si mesma! Pense nisto.

Antonio José Eça é mestre em Psicologia Social e professor de Psicopatologia na Faculdade de Psicologia da Universidade São Marcos. Médico psiquiatra e psicoterapeuta existencial. Psiquiatra forense da Comarca da Capital e da Justiça Militar do Estado. Professor de Medicina Legal na Faculdade de Direito da uni-FMU. **Obras do autor:** 1. Casais - Relações interpessoais; 2. Casamento; 3. Homem-mulher - Relacionamento; 4. Psicoterapia de casal; 5. Psicoterapia existencial; 6. Relações interpessoais; entre outros livros.







revista Ave MARIA

A PRIMEIRA
REVISTA
CATÓLICA
MARIANA
DO BRASIL



Ave
MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

**Mala Direta
Postal**
7214357200/2004 -DR/SPM
**AÇÃO SOCIAL
CLARETIANA**
CORREIOS



**Leia e assine
a revista
Ave Maria**

**Apenas R\$ 25,00 por ano
e você receberá a revista
todos meses**

Não perca esta oportunidade!

**Ligue, grátis, de qualquer parte
do Brasil para:**

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.

0800-555-021

A revista **AVE MARIA** foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — compromisso com o Evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também esta mensagem.

Você já pensou em dar de presente uma assinatura da **AVE MARIA** a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima?

O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, artigos enfocando problemas atuais, além de estórias e joguinhos infantis que ajudam a crescer nossas crianças.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria por meio da revista. É muito fácil e simples fazer sua assinatura.